



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
MESTRADO EM TEOLOGIA**

KEDMA APARECIDA ALVES SOARES

**A CURA DA MULHER ENCURVADA (LUCAS 13, 10-17): UMA ABORDAGEM NA
ÓTICA DA LIBERTAÇÃO**

**CURITIBA
2018**

KEDMA APARECIDA ALVES SOARES

**A CURA DA MULHER ENCURVADA (LUCAS 13, 10-17): UMA ABORDAGEM NA
ÓTICA DA LIBERTAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Teologia e Evangelização da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Vicente Artuso

CURITIBA

2018

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Giovanna Carolina Massaneiro dos Santos – CRB 9/1911

S676c
2018 Soares, Kedma Aparecida Alves
A cura mulher encurvada (Lucas 13,10-17): uma abordagem na ótica da
libertação / Kedma Aparecida Alves Soares; orientador: Vicente Artuso. –
2018.

89 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2018

Bibliografia: f. 85-89

1. Teologia. 2. Teologia da libertação. 3. Mulheres (Teologia). 4. Sinagogas.
5. Cura pela fé. I. Artuso, Vicente. II. Pontifícia Universidade Católica do
Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título

CDD 22. ed. – 230

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 151
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
KEDMA APARECIDA ALVES SOARES

Aos vinte e dois dias, do mês de fevereiro de dois mil e dezoito, às quatorze horas reuniu-se na sala 7 de Pós-graduação - Segundo andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a banca examinadora constituída pelos professores: Vicente Artuso, Luiz Alexandre Solano Rossi e José Neivaldo de Souza, para examinar a dissertação da candidata Kedma Aparecida Alves Soares, ingressante no Programa de Pós-graduação em Teologia - Mestrado, no primeiro semestre de dois mil e dezesseis. Linha de pesquisa: Bíblia e Evangelização. A mestranda apresentou a dissertação intitulada: "A CURA DA MULHER ENCURVADA (LUCAS 13, 10-17): UMA ABORDAGEM NA ÓTICA DA LIBERTAÇÃO." A Candidata fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, a candidata foi aprovada. pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 15 h 05 min. Para Constar, lavrou-se presente Ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Prof. Dr. Vicente Artuso Vicente Artuso
Presidente/Orientador

Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi Luiz Alexandre Solano Rossi
Convidado Interno

Prof. Dr. José Neivaldo de Souza José Neivaldo de Souza
Convidado Externo

Alex Vicentim Villas Boas
Prof. Dr. Alex Vicentim Villas Boas
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia - *Stricto Sensu*
PPGT - PUCPR



AGRADECIMENTOS

Cheguei aqui bem acompanhada, pois foram várias pessoas agraciadas por Deus em minha ampliação de aprendizagem!

Obrigada Senhor, pelo o dom da vida e da libertação. Obrigada pela Palavra que se fez sacramento em minha vida, e me fez pensar diferente, me abriu portas e janelas para ver além do sofrimento e dor, que tudo passa! E na travessia o Senhor me transformou em mais uma experiência e maturidade.

Aos meus pais Terezinha e Wilson juntamente com os meus irmãos (as): Wilza, Wilson, Wilber, Elite e Wislene. Aos encantados sobrinhos: Víctor, Sara, Esther, Leonardo, Luan e Maria Eduarda. Obrigada pelo dom da vida e pela família.

A Mantenedora Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria de Berlaar, que custeou todo o curso, a todas as irmãs e principalmente nas pessoas de Irmãs Jussara Mendonça e Célia Carvalho do conselho (2016). As irmãs Conceição Oliveira, Joana Mendes, Mella Aerts e Maria de Cléofas do conselho (2017/2018), muito obrigada com a proteção de Maria, nossa Mãe!

À família do Verbo Divino na pessoa do Pe Ademar Lino e do Pe Tomaz (In memoriam) e os postulantes: André, Charles, Cleidival, Edinaldo, Matheus, Rudnei e Thiago. Eles me acolheram (hospedagem) com muito estima e alegria durante vários meses. Muito obrigada a todos com a ação do Espírito Santo!

Aos meus estimados professores: Agenor, Alex, Alexandre, Almeida, Ângelo, Carlos, Clodovis, Dietrich, Elias, Henê, Lubomir, Marcial, Márcio e Vicente, que trabalharam os créditos, conteúdo importante para o suporte da dissertação e, como fizeram a diferença! Meu muito obrigada por me mostrar a ciência que se ocupa de Deus, por meio da natureza, dos atributos e das relações com o homem e com o universo.

Ao meu querido orientador Dr Vicente Artuso, que não mediu esforços para indicar e orientar autores e rápido dava retorno de como estava o projeto e a pesquisa em desenvolvimento, muito obrigada!

Dr Ildo Perondi, você me incentivou a fazer o Mestrado quando eu morava em Londrina, quando faz o curso de hebraico e Pós em Teologia. Muito obrigada pelo carinho e dedicação com a Palavra de Deus que eu encantei profundamente.

Quero lembrar os meus queridos amigos, tesouros, joias raras no apoio e partilha de vida, que se tornou mais leve, com os sorrisos, os anseios, o aprendizado, as palavras, as colocações. Como crescemos! Lembro a pessoa de Ademir, Elaine, João, Marcos, Maycon, Nadir, Solange, Thiago e Valdecir. Que bom conhecê-los!

Lâmpada para os meus passos é tua palavra e luz para o meu caminho
(SI 119,105).

Deixa-me, apenas mostrar-te o que é amor, pois quem ama, liberta.
A lenda do Rouxinol

RESUMO

A pesquisa é uma análise do Evangelho de Lucas 13, 10-17. Jesus estava ensinando em uma sinagoga e curou uma mulher que se encontrava encurvada no dia de sábado. Na época de Jesus, a mulher não era valorizada. Jesus faz três ações seguidas: vê, se aproxima e impõe as mãos sobre a mulher que ficou curada. A mulher estava presa por um espírito que a tornava enferma fazia dezoito anos. Quando Jesus curou a mulher, o chefe da sinagoga resistiu e argumentou contra o milagre. Para o chefe da sinagoga, a cura em dia de sábado foi uma transgressão à lei judaica. A presença da mulher na sinagoga causou estranheza pelo fato de estar encurvada. Para alguém naquela situação era o mesmo que considerar impura, atribuía de não ser digna de frequentar tais espaços. O ato de ser flexível depende de cada ser humano no mundo. A interação com as novas realidades possibilitam mudanças. A posição ereta encurvar na humildade em alguns momentos, perdurar na inflexibilidade se torna prisão e doença. A posição ereta permite ver à frente, os lados e desenvolver a empatia principalmente aos necessitados de toda sociedade.

Palavras-chaves: Mulher, Encurvada, Doença, Sinagoga, Sábado.

ABSTRACT

The research is an analysis of the Gospel of Luke 13: 10-17. Jesus was teaching in a synagogue and he healed a woman he was finding bent on the Sabbath day. In the time of Jesus, the woman was not valued. Jesus does three things in a row: see, approach, and lay hands on the woman who has been healed. The woman was trapped by a spirit that made her sick for eighteen years. When Jesus healed the woman, the ruler of the synagogue resisted and argued against the miracle. For the head of the synagogue, the healing on Sabbath day was a transgression of Jewish law. The presence of the woman in the synagogue was strange because she was bent over. For someone in that situation was the same as to consider impure, attributed to not being worthy to attend such spaces. The act of being flexible depends on every human being in the world. The interaction with the new realities allows changes. The upright position to bow in humility in some moments, to endure in inflexibility becomes prison and sickness. The erect position allows one to see ahead, the sides and to develop empathy mainly to the needy of all society.

Keywords: Woman, hunched, disease, Synagogue, Saturday

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AT - Antigo Testamento

CISACOM – Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria de Berlaar

DV - Constituição Dei Verbum

NT - Novo Testamento

PCB - Pontifícia Comissão Bíblica

SUMÁRIO

1	Introdução	12
2	O Evangelho de Lucas.....	17
2.1	Introdução ao Evangelho	17
2.2	Contexto histórico	18
2.3	Autoria.....	21
2.4	Tempo de composição.....	24
2.5	Objetivos do Evangelho	27
2.6	Estrutura.....	31
2.7	As mulheres no Evangelho.....	35
2.7.1	A análise das expressões de Jesus em relação às pessoas que foram curadas.....	40
2.8	O projeto libertador de Jesus.....	41
3	A Cura da mulher encurvada.....	49
3.1	Contexto	53
3.2	Tradução	54
3.3	Delimitação	55
3.4	Estrutura e unidade.....	57
3.5	Exegese	57
3.6	Análise teológica.....	70
4	Hermenêutica: estabelecer relações libertadoras.....	73
4.1	Resgatar a vida e dignidade.....	73
4.2	O cuidado com os excluídos que estão "no meio" (na sinagoga)	75
4.3	As mulheres doentes e "encurvadas" de nosso tempo	78
4.4	Jesus: na contramão e em defesa da vida (peso das injustiças).....	80
5	Considerações finais	82

1 – INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa tem como objetivo interpretar as ações de Jesus, que curou a mulher encurvada em dia de sábado. A cura desta mulher significa a sua libertação e ao mesmo tempo a revelação de Deus misericordioso, conforme a Teologia de Lucas. A revelação de Deus, na prática de Jesus, se manifestou a todos em especial aos pequenos, aos pobres, aos excluídos, aos descartados da sociedade. A sociedade detém muitas vezes o poder de humilhar, oprimir, dominar as pessoas em geral. A Palavra de Deus tem o objetivo de resgatar todas as pessoas que perderam a dignidade, o direito da vida plena. A vida sempre sofreu ameaças no tempo do Antigo Testamento (AT) e do Novo Testamento (NT). A ameaça supõe intimidar alguém impondo medo, e gerando injustiça e desconforto. Estas ameaças aconteceram em relação às lideranças e grupos distintos: patriarcas, juízes, profetas, famílias, entre outros.

A presente pesquisa interpreta a perícopos de Lucas 13,10-17 na ótica da libertação. O estudo visará à reflexão na ótica da libertação sobre a cura da mulher encurvada. A cura aconteceu no sábado, no dia em que não era permitido segundo a lei judaica realizar certos tipos de obras. O fato de realizar a cura não lhes era permitido por se caracterizar uma forma de trabalho, uma obra. A cura da mulher encurvada foi entendida nesta perspectiva. O fato de ser curada causou resistência ao Chefe da Sinagoga, que interpretou o trabalho realizado por Jesus, como ofensa à lei. A perícopos é exclusiva de Lucas.

A questão da pesquisa sobre a perícopos proposta será: qual a causa do sofrimento da mulher encurvada no contexto de Lucas? Além do sofrimento físico, o sistema de governo da época era opressor e legalista. Os elementos de opressão e humilhação contribuíam para o encurvamento das pessoas em geral. Era uma situação de opressão que elas adquiriam ao longo da vida.

O embasamento teórico será em livros e artigos, que darão suporte à pesquisa, principalmente com os autores Bovon, Fitzmyer, Jeremias, Pagola, Marguerat, Mesters, Meyers, Storniolo, entre outros fundamentais à análise do texto lucano. A pesquisa está estruturada e organizada em quatro capítulos. Primeiro capítulo introduz a apresentação da pesquisa em estudo. O fio condutor desta

pesquisa será a libertação da mulher encurvada, que se torna feliz ao se integrar novamente na sociedade. E para esta realidade ser eventualmente estabelecida, é preciso acontecer um milagre, uma mudança em sua vida. A lei era engessada, sem perspectiva de novidade e ação. Uma doença determinava o futuro de uma pessoa para sempre. Isso acontecia pela identificação, pelo nome: o cego de nascença, o homem da mão seca, o homem hidrópico, a mulher encurvada, entre outros. A mulher encurvada certamente sonhava em encontrar uma maneira de aliviar a sua dor física e moral. O fato de ir à sinagoga é uma forma que ela encontrou de não ocultar seus sentimentos, afogar suas mágoas em prantos, escondida em casa. Ela está sozinha. Ela enfrenta por iniciativa própria os obstáculos da rejeição e dos preconceitos. E, para entender melhor a metodologia será contextualizada com o método-histórico crítico e abordagem libertadora.

O segundo capítulo aborda Jesus e sua relação com as mulheres no evangelho de Lucas, assim como os tipos de exclusão, que persistia na época. Ao mesmo tempo, no desejo de encontrar a libertação, Lucas convida a entrar na dinâmica da vida de Jesus e de seu ministério. A missão é curar, salvar a pessoa e suprir o que lhes falta. A estagnação desumaniza e mata a vida. Jesus vê, aproxima e sente as necessidades do povo, que procura justiça e consolo humano. A ação humanizadora de Jesus resulta no milagre da cura que liberta uma mulher.

O testemunho de Jesus permanece em falas e curas, ações e palavras na humanidade. Para entender melhor como funcionavam as atribuições a respeito da mulher na época de Jesus, Meyers descreve algumas regras que predominavam em Israel. Estas regras eram para as mulheres em geral, sem nome e que pertenciam ao pai quando solteira. Depois do casamento, se tornava a propriedade do marido e sem autonomia, não era nem contada entre os habitantes. Se estéril, era relegada ou substituída pela escrava. A sua participação era passiva. Ela vivia somente para procriação e convivia com a poligamia do marido, sem poder reclamar. Naquele tempo a poligamia era aceita. No tempo de Jesus a situação da mulher era desprezível e não foi muito diferente das épocas anteriores como nos aponta MEYERS (1990, 9-25). As mulheres doentes eram consideradas impuras e eram segregadas da comunidade e deviam ficar de preferência longe de todos.

Na abordagem do terceiro capítulo, mulher encurvada se apresenta pelo contexto literário, tradução, delimitação, estrutura, unidade de relato, exegese e análise teológica, assim como se fará a reflexão das situações em que Jesus liberta mulheres e homens por meio da palavra e do toque. A exegese da perícopa de Lucas será detalhada versículo por versículo. Também se fará o confronto com o texto de (Lc 14, 1-6), do homem hidrópico, bastante semelhante na estrutura e conteúdo.

O texto relata uma situação normal da participação do povo na sinagoga, momento ordinário da comunidade. Porém aconteceu algo considerado anormal para o chefe e normal para Jesus. A ação da cura da mulher no sábado se tornou conforto, alegria e agradecimento. A mulher encurvada ficou curada por Jesus, isto é, o momento passa a ser extraordinário. A mulher faz a passagem do sofrimento, dor, prisão, imobilidade para uma nova vida. A mulher é curada com o poder de Jesus e se torna uma nova pessoa.

Jesus revela na sua flexibilidade e proximidade à pessoa sofrida, seus laços de comprometimento em restaurar a vida do povo. O povo que vê a partilha da vida acredita no poder e na sensibilidade de Jesus que faz novas todas as coisas. A partilha envolve o estar no meio das diversas situações e proporciona o interesse, a comunicação, o perdão, a interação na comunidade.

Pela análise, percebe-se outra vertente contrária em relação à partilha: a doença, o isolamento, a margem, a solidão. Trata-se de relações enfraquecidas e desgastadas pelo tempo. A mulher encurvada vivencia a marginalização não por ela mesma, mas pela lei que induz a exclusão das pessoas. E, uma vez excluída, fica no silêncio, na solidão, mas Jesus se aproxima da mulher. A doença da mulher causadora de preconceitos, de humilhação e opressão, pela presença de Jesus chega a libertação. Ela acredita como filha de Abraão, o Pai da fé. Jesus chama primeiramente de "Mulher". Ele assume a libertação. Ela é acolhida como "Filha de Abraão" e herdeira do Reino de Deus.

O quarto capítulo trata das relações libertadoras estabelecidas com a prática de Jesus. Ele curou não somente a enfermidade, mas a pessoa na sua integridade física e espiritual. A pessoa inteira foi resgatada. Jesus resgatou a vida e a dignidade completa. O cuidado com os excluídos realiza no meio da sinagoga. São muitas as mulheres doentes e "encurvadas" em nosso tempo. Jesus agiu na

contramão e em defesa da vida (peso das injustiças). Para gerar a libertação em grande escala, será necessária a participação das lideranças governamentais, a adoção de políticas públicas, a formação de agentes de saúde e de educação. Em defesa da vida, não bastará a ação de pessoas isoladas, mas o empenho e a determinação de todos. E assim ocorrerem as orientações, discussões e informações as quais serão importantes para promover a reflexão grupal a outras mulheres encurvadas. A reflexão grupal pode acontecer, por exemplo, em assessorias, gestões administrativas de educação, de saúde, nas indústrias, entre outras. As associações de bairros e diversas pastorais também devem ser envolvidas.

Jesus deu o primeiro passo ao resgatar a mulher encurvada com a dinâmica do encontro. Jesus é, por excelência, o homem do encontro e da verdade. A sua caminhada do encontro se torna o marco determinante que aparece com visibilidade, quando começa a perseguição logo após o nascimento e que se prolonga até a morte.

Assim também, no decorrer da narrativa do evangelho de Lucas, Jesus se torna mais encontrado e conhecido do povo em geral. Pois Jesus é o centro do caminho em direção a Jerusalém e depois rumo ao Pai. Jesus não muda o percurso do encontro, porque Ele obedece ao Pai. Assim, na atualidade da humanidade se busca libertação das várias prisões que aparecem na sociedade.

O interesse da pesquisa surgiu da experiência e do exercício administrativo educacional por vários anos da Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria. A reflexão tem um olhar mais cuidadoso sobre o número maior de mulheres, que atuam no processo formativo regular. Nas avaliações dos grupos de trabalhos, algumas das mulheres demonstraram ações autoritárias sobre as outras. Essas atitudes sobre as dominadas causaram exclusão e opressão. Sabe-se que esta realidade acontece também em outras circunstâncias do mundo. A mulher em muitas realidades oprime e ameaça outras mulheres.

A mulher encurvada sofreu as consequências das injustiças, doenças, opressões da sociedade de forma piramidal. A opressão começa às vezes muito cedo, principalmente na fase infantil, por meio da rigidez de pessoas próximas e pode causar uma reação de agressão ou submissão. A proximidade dos pais e

responsáveis que eventualmente gritam, falam mal e dão ordens de comando muito irritados, rígidos ocasionam a situação de opressão. Também há pais e responsáveis que deixam os filhos sem limites, largados à sorte e se transformam em “reizinhos” exigentes os quais mandam nos pais e em quem aparece por perto. Assim, por causa de imposições de irmãos, avós, educadores, a criança pode se tornar uma adulta repetidora das reações provocadas durante a infância.

Na atualidade, a mulher está em processo de busca, conquista e espaço na sociedade, porém há discriminação de outras mulheres que subjugam, dominam, oprimem como se não bastasse o que ela já suportou. O que se vê é uma assimetria muito acentuada sobre as dominadas. Como realizar a igualdade se há assimetria entre as próprias mulheres? A igualdade foi conquistada em parte. O resultado de muitas conquistas se deram perante a lei judiciária, processos, denúncias e meios de comunicação. No entanto, o comportamento presente vem de reflexos negativos do passado, de uma mentalidade cristalizada, “sempre foi assim e será sempre assim”. E para mudar a mentalidade para uma nova forma de vida, requer tempo. Não acontece de um dia para o outro. A opressão e ameaças ainda são muito fortes, principalmente em algumas famílias, nos lugares mais afastados do centro das cidades, empresas, casas noturnas, entre outras. Há uma opressão real contra a vida humana e, em especial, contra a mulher. Muitos não falam e nem denunciam por medo de ameaças e acabam se encurvando na depressão e outras doenças. O exercício de ver e denunciar são uma forte ferramenta para ajudar no combate a vários tipos de domínios opressivos. Espera-se que as mulheres possam juntas encontrar o lugar e a dignidade de serem protagonistas de libertação.

2 – O EVANGELHO DE LUCAS

2.1 - Introdução ao Evangelho de Lucas

Lucas era médico, evangelista e realizou um plano muito bem arquitetado para escrever com cuidado a vida de Jesus de Nazaré. O empenho foi compensador, pois conseguiu uma quantidade considerável de material junto a testemunhas oculares, que conviveram com os apóstolos. Ele recebeu da tradição um volume de informações e as separou dentre a obra de Jesus e a obra dos apóstolos. Os dois livros escritos por Lucas: o Evangelho e Atos dos Apóstolos são interligados pelo nascimento de Jesus e da Igreja, os cristãos. Segundo SCHNACKENBURG (2001: 147) “Com o evangelho de Lucas, entramos num vasto horizonte de retrorreflexão sobre Jesus de Nazaré e uma síntese da obra que dele emana: a Igreja de Jesus Cristo”.

O evangelista Lucas enxerga Jesus de Nazaré com o povo que ia à Sinagoga em busca do Deus da libertação. Ao mesmo tempo, no desejo de encontrar a libertação, Lucas convida a entrar na dinâmica da vida de Jesus e de seu ministério. Jesus vê, se aproxima e sente as necessidades do povo que procura justiça e consolo humano. No processo da ação humanizadora de Jesus, desencadeia-se a cura para muitos e também da mulher que estava encurvada. O testemunho de Jesus permanece no Reino de Deus. O seu projeto de libertação deve continuar para libertar os excluídos, para obter o direito à vida.

A pesquisa aborda o tema da libertação da mulher encurvada em (Lc 13, 10-17), como texto principal. O texto secundário será do homem doente de hidropisia em (Lc 14, 1-6). As duas perícopes se assemelham no contexto de alguém doente. As personagens que se apresentam em geral são: Jesus, o/a doente, o chefe (da sinagoga) e o povo. Os lugares são diferentes: um acontece na sinagoga (casa de oração) e o outro, na casa de um chefe dos fariseus (numa refeição). Para esta caminhada com Jesus, se faz necessário detectar os pontos fortes que o evangelho apresenta. Nessa parte se estuda o contexto histórico, autor, tempo de composição, estrutura e objetivos do evangelho de Lucas.

2.2 – Contexto histórico

Para conhecer e situar melhor a cidade de Jerusalém no tempo de Jesus, há necessidade de adentrar no desenvolvimento, organização e costumes da sociedade da época. Pode-se analisar quatro situações vigentes da época que eram: a economia, a sociedade, a política e a religião. A religião permeava as três situações anteriores. E Jesus dentro deste complexo de interesses dos poderosos fica à margem. Segundo PAGOLA (2013: 31), “Ele não é senão um Galileu insignificante, sem cidadania romana, membro de um povo subjugado”.

Primeiramente, a “economia” era exercida com muita exploração pelo Império. O papel de cada pessoa era bem definido de acordo com a sua posição perante o governo. As pessoas eram classificadas conforme a execução dos serviços como ricas e pobres. Segundo JEREMIAS (1990: 12), os “interesses gerais eram ligados aos artigos de lã, tapetes, cobertas de tecidos, unguentos e resina perfumadas”. Então, Jerusalém era composta por “fabricantes de artigos domésticos, profissões relativas à alimentação, artigos de luxo e profissionais da construção”, principalmente dedicados à restauração do Templo.

“Os artigos domésticos” eram fabricados e impostos à mulher casada que tecia a lã, isto é, uma especialidade da região da Judeia. “Os artigos de linho eram especialidades da Galileia” JEREMIAS (1990: 18). Também nos registros de Flávio Josefo, chegou-se à conclusão de que a tecelagem era um ofício exclusivamente feminino. Quando homens se interessavam em tecer, eram desonrados e desprezados.

Com relação “à alimentação”– o óleo de oliva era mais produzido no tempo de Jesus. O leste da cidade se encontra o “Monte das Oliveiras”, ou “monte do oliveiral”. E certamente as azeitonas foram importantes na economia da cidade. No entanto JEREMIAS (1990: 16) disse: “como conciliar a santidade do óleo com o transporte em território pagão? Segundo o Talmude, que é uma coletânea de livros sagrados dos judeus se diz: ia-se buscar azeitonas na Peréia, mas somente em Jerusalém eram prensadas”.

Os “artigos de luxo” eram o bálsamo e as resinas, peças raras de ouro, enfeites feminino de alto preço. Por esse motivo a cidade se chamava “cidade de ouro” ou “Jerusalém de ouro” porque o uso de ouro era muito frequente. O poder de

Herodes era devastador e ambicioso. Nas construções, por exemplo, ele tinha o objetivo de mostrar o poder e a força pelas obras construídas. Ele usava o povo para construir e depois exibir o resultado para os mesmos. E por fim, as construções realizadas por Herodes, o Grande (37- 4 a.C.), conforme o estudo de JEREMIAS (1990: 20) foram:

- Restauração do Templo;
- Construção do palácio de Herodes;
- Construção das três torres: Hippicus, Fasael e Mariana;
- Dominou o Templo Antônia e ergueu o Templo Birah e Bâris;
- O suntuoso túmulo de Herodes;
- Teatro de Jerusalém;
- O hipódromo da cidade;
- A construção de um aqueduto;
- Monumento acima da entrada do túmulo de Davi.

A citação demonstra em grande proporção os feitos do povo, a exploração em nome de Herodes. O elenco dos nove feitos foi atribuído a Herodes juntamente com os príncipes da família. Certamente foram muitos a cobrança de impostos para as suntuosas construções. JEREMIAS (1990:19) relata: “outros governantes foram levados a imitá-lo sob seu domínio e no período que se seguiu, a indústria de construção teve grande expansão em Jerusalém”. Eles poderiam até se sensibilizar com as situações da pobreza mais vulnerável das pessoas em geral: os doentes, as viúvas, as crianças. Mas se percebe simplesmente que os pobres são ignorados e deixados de lado. A força do poder e da riqueza do imperador subjugava os pobres como se eles tivessem dever de servir ao império em troca de domínio.

Na visão de JEREMIAS (1990: 127-169), o “segundo modelo de controle era o social, que se dividia em três grupos, ou seja, os ricos, a classe média e os pobres”.

Os *ricos* - primeiramente as indescritíveis, esplendorosas construções e as festas a cada quatro anos com brilho, a fim de se exibir o que possuíam. Também os homens ricos possuíam muitos escravos, mulheres (pois eram poligâmicos), guardas pessoais e segurança do palácio. Outras riquezas que acumulavam eram apoderadas pela alta realeza, por exemplo, os bens, após o mando de execução. E para continuar acúmulo das riquezas, quando um homem morria seguia-se o casamento levirato, ou seja: se o marido morre sem deixar filho, o irmão do defunto casa-se com a viúva,

A *classe média* – esta era formada por pequenos comerciantes que trabalhavam em torno do Templo. Suas economias eram oscilantes, ou seja, eram pagos por dia, conforme a venda das mercadorias, embora nem sempre acontecesse. Os peregrinos iam levar as suas ofertas ao Templo e eram obrigados a passar a noite, assim como os animais de carga. Os funcionários do Templo cobravam as hospedagens, tanto de pessoas junto dos animais. As pessoas deviam pagar, apesar das ofertas e doações. Também havia uma prescrição de que não se podia lucrar muito no Templo, pois esse lucro era considerado uma falta grave. A economia girava em torno do Templo em benefício dos ricos, segundo JEREMIAS (1990: 73).

Os *pobres* - era a classe formada por viúvas, escravos, diaristas, escribas, mendigos, deficientes físicos, cegos, entre outros. A situação era discriminatória e opressora. Não era permitido aos pobres entrar em todos os lugares, pela lei do puro e impuro que controlava tudo. Além de toda pobreza, estas pessoas tinham que comprar as vítimas para os sacrifícios, mesmo que fossem, por exemplo, uma rola, ou um pombo. O pagamento não realizado acumulava-se a dívida da pessoa. As dívidas eram tantas que a fome e a indignação geraram a guerra civil a ponto de amedrontar toda a Jerusalém. Como prova disso, nasceu o movimento zelota, a fim de eliminar as dívidas arquivadas. JEREMIAS (1990: 169) reafirma este dado do movimento:

Um fato nos mostra, de modo particularmente esclarecedor, a que ponto, no movimento zelota, o fator social foi importante: a exaltação com que libertadores do povo, em 66 d. C., incendiaram os arquivos de Jerusalém para destruir as provas de dívidas que ali estavam guardadas.

A terceira situação é a política. Para o povo daquela época a política pouco favorecia, porque havia muita exploração em taxas e altos impostos para cobrir as despesas do rei Herodes, o Grande. JEREMIAS (1990: 176) acrescenta: “Podemos crer em Josefo que disse: Herodes possuía um insaciável orgulho que era fundamental da personalidade”. Antes a política era confusa e após a morte de Herodes piorou. Sob o domínio romano, as lutas, os saques, as angústias, as guerras se intensificaram.

A religião possuía ambiguidade, porque em Jerusalém havia um ditado segundo JEREMIAS (1990: 179) “O sal da riqueza, é a prática da caridade” (hesed)¹. A prática da caridade poderia acontecer quando houvesse grande quantidade de bens, sobra. Jesus era diferente, além de ser pobre, pedia uma condição que era renunciar a tudo, para ser seu discípulo. Em outras palavras, se Ele tivesse interesse interior, falaria assim: vem comigo, traga os seus pertences. Vamos desfrutar juntos, onde estivermos.

Os maiores lucros da cidade vinham do culto por meio dos piedosos fiéis. Um exemplo desta natureza são os fiéis, que ofereciam animais em sacrifícios. A oferta recebida era vendida para outras pessoas quantas vezes lhes convinham para oferecer sacrifícios e se tornava o segundo dízimo sucessivamente mais rentável. Mais uma vez JEREMIAS (1990: 195) nos esclarece que:

O culto constituía a principal fonte de renda para a cidade. Garantia o meio de vida da nobreza sacerdotal, dos sacerdotes e dos funcionários do Templo. As enormes despesas do tesouro do santuário (basta lembrar a sua reconstrução) e o que os piedosos fiéis davam para o culto (sacrifícios, presentes) proporcionavam diferentes possibilidades de benefícios às profissões e ao comércio da cidade.

O que predominava neste processo era um jeito fácil de ganhar dinheiro, usado em nome do reconhecimento da descendência de Abraão. Portanto, esta prática se tornava o lucro em favor dos abastados, ricos, poderosos, exploradores de Jerusalém e cidades circunvizinhas. E jamais como assistência das necessidades aos pobres, miseráveis, vulneráveis que perdiam as suas economias, filhos, terras, animais, impostos para abastecer os palácios e suas regalias.

2.3 – Autoria

Para conhecer melhor o autor do Evangelho, é pertinente aprofundar o que alguns estudiosos dizem a respeito. Lucas foi discípulo de Paulo e escreveu o Evangelho e os Atos dos Apóstolos. O evangelista Marcos escreveu o primeiro evangelho que foi referência ao projeto literário de Lucas. Lucas é cuidadoso ao escrever seu projeto como evangelho. O autor começou a escrever a partir da transmissão daqueles que, desde o princípio foram “testemunhas oculares e ministro

¹ O sal da riqueza é a economia

da palavra” (Lc 1, 2). Além disso, ele escreveu o evangelho em grego, com certa elegância e era compreendido pelos seus ouvintes não ligados às tradições judaicas, conforme o que diz BOVON (1985: 203):

Lucas é o mais grego dos autores do Novo Testamento. Maneja com certa elegância a língua comum falada então; preocupa-se em ser compreendido pelos ouvintes não afeitos às tradições judaicas; o leitor ocidental moderno sente-se logo à vontade em sua companhia.

O Evangelho traz referências ao autor no uso da língua, nos espaços geográficos, a vivência da cultura dizendo um pouco mais sobre os escritos e falas da época em que viveu. Além de escrever, Lucas deu importância de como seria a transmissão em longa escala, com facilidade de abrir o leque a outras nações pela língua mais falada na época. O fato de escrever para todos que pudessem entender, ele utilizou certa arte e cuidado de colocar os escritos acessíveis a todos, inclusive a outras nações. SABBAG (2005: 285) nos instrui que:

O Novo Testamento foi escrito em grego, com exceção do Evangelho de Mateus escrito em aramaico, contudo, só se conhece a tradução grega. Mas, na época, o grego utilizado era o popular, denominado Koiné, língua falada em quase todas as cidades circunvizinhas do Mediterrâneo.

A língua grega falada nas cidades circunvizinhas facilitou a propagação do Evangelho. E pelo fato do Evangelho ser uma Nova e Boa notícia gerou curiosidade. O Evangelho se fez conhecer mais rápido, porque foi falado e escrito para todos da região. Com sabedoria, o povo falava sobre os acontecimentos com facilidade e fluidez.

Há relatos que contradiz a nacionalidade de Lucas, o mais importante é a sua integridade em escrever sobre Jesus e seus feitos.

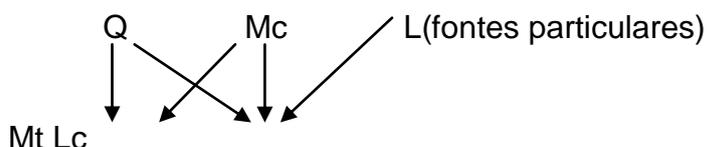
SABBAG (2005: 285) ainda relata: “O autor do terceiro Evangelho era gentio e nasceu na Síria, em Antioquia. Era médico e muito culto. Embora transpareça querer seguir métodos dos autores gregos, sua fé e apologética o identificam como um cristão”. Com referência a Lucas, FITZMEYER (1986: 71) afirma que é possível ser considerado como nativo da Palestina. A Antioquia da Síria é formada por uma população heterogênea, inclusive de judeus. Segundo Konings (2014: 58) “Lucas” pode ser um discípulo da segunda geração, “cristão de cultura grega”, que escreve para as Igrejas de cultura grega e “segue as intenções dos historiadores gregos e

romanos” SCHNACKENBURG (2001: 148), tornando-se, de certa forma, um historiador. Aqui se confirma a sua habilidade em escrever com detalhes os textos dos dois livros.

Lucas tem conhecimento e o cuidado em destacar a atuação de Jesus nos vários relatos de milagres e cura de doenças do povo em geral. Segundo SABBAG (2005: 290), os exegetas analisaram: “os escritos, sempre na primeira pessoa, apontam-no também como o autor dos Atos dos Apóstolos. Não foi testemunha ocular dos fatos narrados, mas não há dúvida quanto à veracidade e ao conteúdo de todo o terceiro Evangelho”. A referência do autor remete aos tempos atuais de um convite em constante seguimento. Entretanto, vale salientar também, que os destinatários da obra lucana são cada homem e cada mulher que querem conhecer e caminhar com Jesus de Nazaré (CARSON et al., 1997: 13).

Lucas era muito sensível no olhar, no sentir e desenvolveu os temas ouvidos e ensinados por Marcos e a fonte Q. Além da sua própria desenvoltura, arquitetou o Evangelho pelas testemunhas oculares dizendo: “Pareceu-me bom, também a mim, depois de ter cuidadosamente informado de tudo a partir das origens, escrever para Ti uma narração ordenada, excelentíssimo Teófilo, a fim de que possas verificar a solidez dos ensinamentos que recebeste” (Lc 1, 3).

Logo a seguir há uma apresentação esquemática da teoria das duas fontes de Lucas (Quelle e Mc), muito semelhante a de Mateus. Marcos foi o primeiro a escrever o conteúdo do evangelho, veja a seguir o que evidenciaram FABRIS e MAGGIONI (2006: 21):



As descobertas arqueológicas e análises nos espaços geográficos ajudaram nos estudos precedentes como peças verídicas encontradas em algum texto bíblico. Tais descobertas feitas em relação ao tempo e as citações bíblicas ajudam a religar com o passado. São dez as principais descobertas, com exceção dos Rolos do Mar Morto, os demais se referem a textos anteriores, segundo CROSSAN & REED (2007, 24)²:

² CROSSAN & REED falam de Jesus no contexto sociológico e histórico.

1. Rolos do Mar Morto
2. Códices Nag Rammdi
3. Dependência de Mateus e Lucas em relação a Marcos
4. Dependência de Mateus e Lucas em relação ao *Evangelho Q*
5. Dependência de João em relação a Marcos, Mateus e Lucas
6. Independência do *Evangelho de Tomé* em relação aos evangelhos canônicos
7. Tradição dos ditos Comuns no *Evangelho Q* e no *Evangelho de Tomé*
8. Independência da Didaqué (“ensino”) em relação aos evangelhos
9. Existência de fonte independente no *Evangelho de Pedro*
10. Reflexo do confronto entre Tiago e Paulo no Jesus histórico

A convivência com o Paulo e Barnabé, certamente encantou Lucas em muitas viagens realizadas, por exemplo, em Jerusalém, Antioquia, Cesaréia, Roma, entre outras. Lucas encontrou muitas pessoas que testemunhavam a sua fé em Jesus. Na elaboração do Evangelho, o que se ouvia das tradições orais e escritas facilitou a compreensão do conteúdo em geral. Segundo FABRIS e MAGGIONI (2006: 21), “a fonte Q é formada por uma série de pequenas coleções em forma de tratados ou ciclos de tradições evangélicas dos círculos, ambientes judeu-cristãos”³. Nesta dinamicidade, Jesus fascinou a corporeidade e o coração de Lucas. Por ser médico, Ele sabia das necessidades do povo, principalmente com relação às doenças físicas daquela época e lugar.

2.4 – Tempo de composição

Havia em torno de 30 a 40 anos da morte de Jesus. A obra foi escrita entre os anos 70 e 90 d. C. MARGUERAT (2009: 125) lembra que a obra é anterior à grande perseguição aos cristãos ocorrida entre os anos 81-96 d. C., durante o governo do imperador Domiciano. O evangelho de Marcos foi escrito antes do evangelho de Lucas. Neste contexto há uma dependência que obriga a entender outras datas, como está no Dicionário Enciclopédico (2013: 825) nos informa o seguinte:

A dependência de Lucas em relação a Marcos geralmente obriga a colocar após os anos 67-70 a redação do evangelho; pensa-se em torno de 80. O modo como fala do julgamento de Jerusalém parece confirmá-lo. Com efeito, ele introduz (19, 43-44; 21, 20-24) o clichê tradicional da cidade sediada que deixa perceber sua realização real para a época em que escreve (P. Grelot). Essa é a opinião comum, apesar de algumas tentativas recentes (C. Tresmontant, A. T. Robinson) que pleiteiam uma data anterior.

³ FABRIS e MAGGIONI. Os Evangelhos de Lucas: introdução (2006: 21) A relação da Fonte Q.

O terceiro evangelho na opinião de S. Irineu e S. Jerônimo foi escrito entre os anos 60 e 70. Segundo KUMMEL, a composição do evangelho estima entre os anos 70 e 90. Há uma hipótese de que o evangelho fora escrito em uma cidade grande, fora da Palestina, marcada pela cultura grega e ligada à estrutura do império romano. Alguns estudiosos pensaram em Cesaréia, uns em Antioquia, outros em Acaia, outros ainda na Decápole, ou Ásia Menor, até em Roma. Segundo MOSCONI (1991: 23), o ponto de referência parece ser a cidade de Éfeso, da qual os Atos dos Apóstolos oferecem uma série de informações significativas. Para o autor TENNEY (2008: 191) poderia ser Cesaréia ou outras cidades como Alexandria, Roma, Acaia, Ásia Menor, o que importa é que foi escrito em “algum local do mundo helenístico”.

Lucas conservou a essência e o contexto como se estivesse com o próprio Jesus. MARCONCINI (2012: 154) recomenda: ‘A novidade maior diz respeito à “seção da viagem” (9,51-18,14), que amplia o lugar de atuação de Jesus, a sua pregação na Samaria, além da pregação na Galileia (caps.4-9) e em Jerusalém (caps. 9-24)’. O discurso de Lucas sobre Jesus adiciona o estilo redacional e propósito teológico. “O Evangelho de Lucas possui característica de alegria e salvação desde o início da composição”. PAGOLA (2012: 14). Quando Jesus nasce, o enviado de Deus anuncia assim: “Não temais, trago-vos a boa notícia, a grande alegria para todo o povo: hoje, na cidade de Davi, vos nasceu um Salvador, que é o Messias, o Senhor” Lc 2, 44. MAZZAROLLO (1994, 10) mostra o relevo do Evangelho de Lucas⁴:

O “RELEVO” DO EVANGELHO DE LUCAS



⁴Esquema de Lucas – Gráfico do relevo.

O evangelista Lucas mostra a continuação de perspectivas próprias no aspecto literário, didático, apologético, geográfico, histórico, teológico para o Evangelho. O trabalho se insere no grande movimento da proclamação apostólica e eclesial. Jesus está perto das pessoas, das comunidades, que é o lugar da partilha e do testemunho. Lucas cuidadosamente fez um acompanhamento da presença de Jesus que permeava as situações do povo. A maior preocupação do evangelista é ressaltar o efeito benéfico de Jesus sobre as pessoas. Quanto aos lugares e cidades eram secundários, mas no texto, a sinagoga é essencial. A narração emite momentos que aparecem nomes de lugares e cidades para mostrar que Jesus está em movimento. O movimento está interligado à comunidade cristã, viva de ardor e de esperança.

Lucas evidencia esta e outras notícias também de exclusão, marginalização, fechamento e imposição da lei. Para libertar os homens e as mulheres que sofrem, Jesus restaura as pessoas com leveza, ternura e misericórdia. É, portanto o Evangelho, Boa Nova, Boa Notícia! Há indícios de que Lucas disse mais a respeito do Evangelho, segundo os exegetas, por ser mais detalhista e minucioso. Além do relevo do Evangelho, Lucas possui o material exclusivo de sua autoria. Conforme WEGNER (1998: 74-75), pode-se verificar logo a seguir:

Textos exclusivos de Lucas⁵

1-2	Prólogo	14,1-6	A cura de um hidrópico
3,10-14	Pregação típica do Batista	14,7-14	Discursos sobre o banquete
3,23-38	Genealogia	14,28-33	Os deveres dos discípulos
5,1-11	A pescaria de Pedro	15,8-10	A moeda perdida
7,11-17	O jovem de Naim	15,11-32	O filho perdido
7,36-50	A grande pecadora	16,1-12	O administrador injusto
8,1-3	As mulheres servidoras	16,14-15	O orgulho dos fariseus
9,51-56	Rejeição a Jesus em Samaria	16,19-31	O rico e o Lázaro
10,18-20	Palavras no retorno dos discípulos	17,7-10	O salário do servo
10,29-37	O bom samaritano	17,11-19	Cura de dez leprosos
10,38-42	Marta e Maria	18,1-8	Parábola do juiz e da viúva
11,5-8	Parábola do amigo que pede	18,9-14	Parábola do fariseu e do publicano
11,27-28	Bem-aventuranças da mãe de Jesus	19,2-10	Zaqueu
12,35-37	O rico insensato	19,39-44	Profecia sobre a destruição de Jerusalém
12,35-37	Acerca do Senhor que retorna	22,35-38	Palavras de Jesus na última ceia

⁵Lucas buscou muita inspiração nos textos de Marcos e a fonte Q e adicionou muito de sua exclusividade.

12,47-48	O salário do servo	23,6-16	Jesus perante Herodes
12,49	Sentença sobre o fogo	23,27-31	Palavras no caminho até o Calvário
12,54-56	Sinais dos tempos	23,39-53	O criminoso na cruz
13,1-9	Chamado à conversão de Israel	24,13-35	Os discípulos de Emaús
13,10-17	Cura de uma mulher no sábado	24,36-53	Manifestação em Jerusalém, ascensão
13,31-33	As perseguições de Herodes Antipas		

Os escritos de Lucas estão presentes em todo Evangelho, exceto os capítulos 4, 6, 20 e 21 não estão contemplados na sequência. A dedicação é grandiosa. Assim Lucas teve o empenho em analisar e arquitetar com muita sutileza a presença e os feitos de Jesus. E esse cuidado perpassou a vida de homens e mulheres, por suas conquistas, desafios, buscas com a centralidade em Jesus.

No Evangelho são destacados cinco cânticos exclusivos de Lucas. Os hinos se tornaram orações e aclamações tradicionais e devocionais de muitos grupos cristãos. Um exemplo neste sentido se pode verificar nas citações bíblicas a seguir: A “visitação” à Isabel (1,42-45); “O canto de Maria” Magnificat (1,46-55); O “Benedictus” de Zacarias (1,68-79); “Glória a Deus” dos anjos (2,13-14); e o “O cântico de Simeão” (2,29-32).

O Evangelho de Lucas narra a infância e o ministério de Jesus junto ao povo sofrido. A opressão mais comum recaía sobre os pobres, os doentes, os dominados pelo sistema político da época. Jesus habitou na redondeza de Nazaré e Cafarnaum com seus discípulos no mesmo sistema. Jesus ao lado dos pobres, necessitados e vulneráveis para denunciar, com palavras e exemplos, os abastados, poderosos e dominadores.

2.5 – Objetivos do Evangelho

O evangelista Lucas escreveu os dois livros interligados com a vida de Jesus e a formação das primeiras comunidades primitivas. Para maior compreensão dos textos que serão destacados e aprofundados é de pertinência considerar que “os escritos do Novo Testamento foram criados mediante um processo comunitário que partiu de tradições orais e escritas. As primeiras tradições foram relidas e interpretadas pelas comunidades, à luz das novas situações históricas que viviam” BÍBLIA JERUSALÉM (2013: 1322).

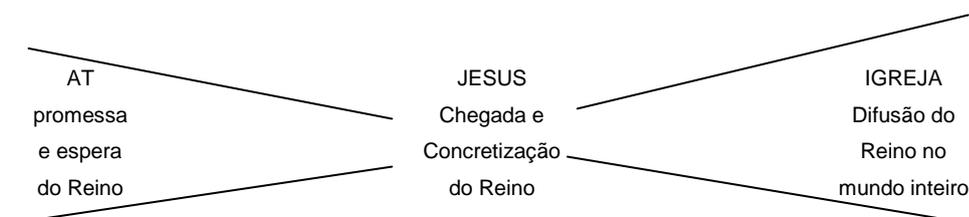
As comunidades expressaram os efeitos dos fatos, as impressões principalmente das pessoas mais idosas, o que viram e ouviram a respeito de Jesus. Lucas certamente fez um trabalho de descobertas iluminadas, de novas palavras que não se ouvia antes. Algumas pessoas guardaram no coração as cenas importantes, marcantes de Jesus e não sabiam o que fazer, falar ou escrevê-las? Jesus deixou-se ser visto pelos simples, os pequeninos. Na comunidade havia homens, mulheres e crianças que conheciam aspectos diversos da pessoa de Jesus. No imaginário daquela época, a comunidade observava Jesus no seu jeito de olhar, de sentar, de ouvir as pessoas. Cada pessoa registrava um gesto importante que se transformava em bem. A bondade de Jesus se fazia pelo toque, pelo som de voz, as características do rosto, de como olhava de perto e de longe. Era o próprio Deus que se manifestava, onde Jesus podia ser tudo para o povo. Jesus nasceu pobre e na periferia, com sabedoria e graça, Ele sempre estava ao lado dos pequenos e humilhados.

Quando a comunidade ouviu falar sobre um homem que procurava saber mais detalhes sobre a pessoa de Jesus, sem dúvida estas pessoas se maravilharam e se alegraram ao relatar as suas histórias e seus feitos. Lucas relata o trabalho cuidadoso escrito e que pode ser verificado. (Lc 1, 4) “Desse modo, você poderá verificar a solidez dos ensinamentos que recebeu”.

Lucas, como os outros três evangelistas, emitiu uma estampa da vida de Jesus. Esta estampa é viva, porque interpreta como historiador da Igreja primitiva, a comunidade nascente e os dados da tradição. SABOURIN (1987: 13) recorda que “os evangelistas não foram apenas simples compiladores, mas verdadeiros autores que de uma forma coerente exprimem seus pontos de vista na escolha e interpretação dos dados da tradição”. Para situar o contexto, quando várias pessoas descrevem sobre um único assunto, elas utilizam a subjetividade, detalha mais em um aspecto e reduz em outros, mas nunca escrevem literalmente iguais. Por isso elas se tornam intérpretes na compreensão e acrescentam mais conteúdo ao assunto.

O objetivo de Lucas foi traçar a viagem rumo à cidade-santa, ou seja, a Jerusalém. A caminhada de Jesus a Jerusalém reflete uma nova dimensão que a boa notícia não pode ficar parada, estática, deve ser proclamada a todas as nações. MARCONCINI (2012: 154) assegura que “Toda a narração volta-se para Jerusalém,

de que fala o início (1,5) e o final do evangelho (24,52), formando uma verdadeira inclusão e da qual parte a evangelização após a experiência do Espírito (At 2,1)”. O fio condutor do Espírito Santo perpassa a história com o enfoque no Reino. O esquema de STORNILO (1992: 8-9) facilitará a compreensão com uma visão bem distinta de tudo que Lucas quis transmitir e a descreveu da seguinte forma:



O esquema é uma visão que Lucas queria transmitir ao conviver com o Apóstolo Paulo, quando foi recusado pelos judeus. Paulo saiu do reduto judeu e foi anunciar o Evangelho a outros povos, por exemplo, aos pagãos. Deus inspirou o evangelista Lucas a escrever em consonância com Paulo. STORNILO (1992: 9) “Era Jesus sendo anunciado entre outros povos. O terceiro evangelista, depois de Paulo, levou isso à frente, e sua obra testemunha que o Reino de Deus e seu anúncio não são para ficar restritos ao mundo da Palestina”. A recusa dos judeus fez com que o evangelho fosse difundido ao mundo inteiro. No entendimento, ao levar o anúncio que fosse aceito na Palestina, lugar conhecido, confortável, talvez não gerasse um ardor para levar a outras terras. O próprio Jesus também passou pelas mesmas situações de recusa como profeta não aceito em sua pátria. Paulo Apóstolo propagou o evangelho mais rápido, antes mesmo de chegar outro anúncio que não fosse o mesmo, a Boa Notícia. Por outro lado, Lucas, seu companheiro, levou o evangelho pela escrita, pelos registros doados e coletados das comunidades. Neste caso a notícia se espalhou em fala e depois veio a escrita. Assim, sucedeu a fase da Boa Notícia sobre Jesus de Nazaré, contada por Lucas e os outros evangelistas.

De fato, Lucas tem um jeito diferenciado, com formas marcantes nas palavras e detalhes. Por isso, a riqueza de vivências compartilhadas pelos seguidores de Jesus foi transformando as pessoas, grupos e multidões. E, para fundamentar os seus escritos, Lucas percorreu um caminho de muita fidelidade ao Antigo Testamento. Ele fez um caminho de retorno em toda a genealogia de Jesus até Adão, o primeiro homem (o pai de todos) vinte gerações antes da genealogia de

Mateus. (Gn 2,7) “Então Javé Deus modelou o homem com o pó do solo da vida, e o homem tornou-se um ser vivente”. O Evangelho de Mateus inicia com Abraão (pai dos judeus) no (Gn 11, 26). “Quando Taré completou setenta anos, gerou Abrão, Nacor e Arã”. Assim, não se pode negar que as mulheres fizeram o percurso junto aos seus maridos na gestação de seus filhos e filhas.

A história de todos os homens e mulheres foi incluída nos evangelhos em especial da Boa Notícia de Lucas. Lucas e Mateus fizeram o percurso do Antigo para o Novo Testamento, ligando-os a Jesus. Portanto, o judaísmo em Mateus era mais voltado para o homem que utiliza ao tratar da genealogia de Jesus dizendo assim “Abraão gerou Isaac” e, em Lucas, a tônica identitária diz o seguinte: Isaac “filho de Abraão”, conforme a BÍBLIA DE JERUSALÉM (2002: 1703-1793). Lucas suaviza a relação familiar do homem e da mulher. Porque todo filho tem um pai e uma mãe.

Nesta contextualização, o evangelista escreveu os acontecimentos vivenciados por outros e consigo. Em seguida BOVON (1985: 269)⁶ disse que “Se o estilo do prólogo inscreve Lucas na linguagem dos historiadores, a matéria e o modo de comunicação põe em evidência outra ordem: a do testemunho”. Lucas, médico amado, conforme a citação em Colossenses 4,14; e as seguintes que falam em II Timóteo 4, 11; Filemôn 24.

Diante de todos os cenários que Lucas experimentou, instalou-se um novo conceito de Aliança. Esta Aliança ligada ao AT com a promessa realizada em Abraão é atribuída a Israel que se cumpre no NT em Jesus Cristo. O evangelista Lucas buscou conhecimento a respeito de toda a história, desde o início da criação. BOVON (1985: 269), afirma “após a coleta exaustiva e meticulosa redigiu uma obra bem elaborada” do Evangelho e dos Atos dos Apóstolos.

Jesus sempre estava em movimento físico, afetivo, moral e espiritual. As comunidades aos poucos foram acompanhando a dinâmica dos ensinamentos. O bem que Jesus transmitiu a cada um em particular de palavras cheias de significados. As palavras são cheias, repletas da Boa Notícia, da qual Lucas pôde perceber e escrever com minúcias o conjunto de toda obra. FITZMEYER (1983: 15) reflete que: “o verdadeiro “kerigma” é o Espírito; Ele é aquele que guia o ministério e

⁶ Auneau – intenção do autor e composição da obra.

a pregação de Jesus e, mais tarde, a dos discípulos, quando a pessoa de Jesus se tornou o próprio objeto da proclamação”.

A narração de Lucas é uma memória histórica de tudo que foi cumprido tanto do AT e como culminância no NT, que o Espírito estava sempre presente nos acontecimentos. A ordem de começar a escrever duas obras parece arquitetada da seguinte forma: a primeira, para mostrar a pessoa de Jesus e a segunda, para evidenciar a Igreja, aos seus discípulos e seguidores. A consistência de tudo é manter a presença do Espírito, o fio condutor de Deus em Jesus Cristo e os testemunhos dentro da Igreja.

Jesus frequentava vários cenários, onde permeavam as mulheres e os homens marginalizados. Ele ouvia as pessoas que eram transformadas, curadas e convertidas. A atenção e acolhida com as pessoas era a maior preocupação de Lucas. Os seus destinatários são encontrados nos pobres, nos pequenos, nos humildes, nos doentes e nas mulheres. Portanto, elas eram as mais ausentes (não por elas mesmas), mas pela sociedade palestinese. Para Lucas, Jesus veio trazer a justiça e a libertação, pois assim há solidez dos ensinamentos. A ação sólida de demonstrar a palavra na forma de cura efetiva é bem disposta. E após a cura dos doentes, o benefício se estendia em testemunho eficaz e um resultado satisfatório.

2.6 – Estrutura

Quando Jesus realizou os milagres e as curas, chamou atenção das pessoas em geral. Por quê? Porque Ele fez o bem para os pobres, os necessitados. O benefício causa curiosidade no coração das pessoas, que sentem a necessidade de conhecer, de tocar e estar perto. Quanto aos ricos não lhes faltava nada, porque eles viviam à custa dos pobres e miseráveis. Eles tinham tudo o que queriam na vida: alimentos, roupas, saúde, pompas nos palácios.

As pessoas humildes e pobres daquela época eram sacrificadas pelo pagamento de altos impostos, pois perdiam terras, animais e filhos. Eles eram forçados a trabalhos pesados e desrespeitados a qualquer momento pelas legiões romanas. A indignação de alguém na condição de domínio romano era motivo de ser condenado e crucificado. E Jesus nasce neste contexto: pobre. Deus escolhe o lugar mais simples, sem nada, sem concorrência. Deus só se manifesta, onde Ele é tudo.

Jesus pequenino é a esperança dos que clamam a libertação. Ele sentiu como o povo sentia, “crescia em sabedoria, em estatura e graça, diante de Deus e dos homens” (Lc 2, 52). Neste sentido, percebe-se alguns passos da caminhada de Jesus desde a Infância, segundo o Evangelho de Lucas. Abaixo apresentamos uma estrutura de cunho geográfico e ao mesmo tempo com a função teológica elencadas na BÍBLIA DE JERUSALÉM em sete blocos (2002: 1786-1834):

- I. Nascimento e vida oculta de João Batista e de Jesus Lc1, 5-2, 52;
- II. Pregação do ministério de Jesus Lc3, 1-4, 13;
- III. Ministério na Galileia Lc4, 14-9, 50;
- IV. A subida de Jerusalém Lc9, 51-19, 27;
- V. Ministério de Jesus em Jerusalém Lc 19, 28-21, 38;
- VI. A paixão Lc 22, 1-23, 56;
- VII. Após a Ressurreição Lc 24,1-53.

Nessa perspectiva, os sete blocos estão todos interligados objetivamente à missão do Pai no Filho Jesus, em favor de toda a humanidade. Desde o nascimento até a morte, Jesus agiu com a simplicidade e desprendimento diante das autoridades e das pessoas em geral, em favor do Reino. A linguagem de Jesus é compreensível aos que buscam alívio na caminhada com os pobres, os pequenos, os humildes, os doentes e as mulheres. O diálogo de Jesus com as pessoas restaura, ilumina, cura, eleva em dignidade humana. ZABATIERO (1995: 9) ao comentar as tentações de Jesus, evidencia o projeto contrário, do egoísmo que não produz vida: “o diabo o provocou com autoafirmação, autoglorificação e autoengrandecimento. Jesus, por sua vez, mostra que o projeto messiânico é de serviço ao Pai e solidariedade para com a humanidade”.

O projeto messiânico de Jesus mostrou para os apóstolos e seguidores a essência do seu ministério, os sinais e realizações do reino. A personalidade foi marcada com a sabedoria, a atuação, a luta, o enfrentamento da morte e a ressurreição que fez a humanidade acreditar que Ele veio enviado por Deus para servir e não para beneficiar a si mesmo. Para os apóstolos, a morte de Jesus no primeiro momento foi uma derrota, a partir dos primeiros sinais de ressurreição eles se recordaram das palavras que previam a morte de cruz.

Juntamente aos sete blocos, identificam-se as quatro fases mais expressivas vivenciadas por Jesus, que sinalizou o reino aos apóstolos, aos discípulos e depois a todos de boa vontade. Os quatro aspectos foram elencados segundo

MARCONCINI (2012: 18). 'A primeira fase se dá com a "paixão de Jesus", que evidenciou novos sinais de enfrentamento com as autoridades a ponto dos apóstolos fugirem'. A ressurreição de Jesus surpreendeu a todos pelo túmulo vazio e nas aparições aos apóstolos e discípulos. Quando Jesus falava e fazia memória dos antepassados, por exemplo, nos sinais e acontecimentos, tocava a mente e o coração das pessoas. Esta transformação fez o povo se sensibilizar e buscar referências nos testemunhos das escrituras. Lucas no decorrer da obra mostra relatos e testemunhos fundados na lei e nos profetas que ajuda a entender naquele contexto a mensagem de Jesus, o Filho de Deus.

A segunda fase são "as parábolas", que Jesus narrava diante das pessoas em diferentes espaços, referiam-se ao mistério do reino, enquanto os milagres eram sinais da vida para integrar as pessoas excluídas na comunidade. As parábolas eram o método pedagógico que dava resultado. Eram comparações tiradas da realidade, do dia a dia e por isso as pessoas compreendiam sua mensagem.

A terceira fase, já acenada acima, são as dinâmicas das palavras em "milagres e curas". Os ricos tinham as suas seguranças no mundo material, no poder de mandar e até matar. Os pobres tinham como bens a presença de Jesus, por meio dos milagres e curas. A presença de Jesus trazia bem-estar, alegria, alívio das dores. Como Filho de Deus, Ele tinha o poder de fazer milagres, onde não havia alimento, vinho, água, saúde e palavras de contentamento ao povo sofrido e machucado pela violência. O texto de Isaías 61, 1-2 identifica a sua missão mais precisamente:

O espírito do Senhor lahweh está sobre mim, porque o lahweh me ungiu; enviou-me a anunciar a boa-nova aos pobres, a curar os quebrantados de coração e proclamar a liberdade aos cativos, a libertação aos que estão presos, a proclamar um ano aceitável a lahweh e um dia de vingança do nosso Deus, a fim de consolar todos os enlutados, a fim de dar-lhes um diadema em lugar de cinza e óleo de alegria em lugar de luto, veste festiva em lugar de espírito abatido. Chamar-lhes-ão terebintos de justiça, plantação de lahweh para a sua glória.

No texto de Isaías, Jesus confirma o seu papel, seu objetivo de estar no meio da humanidade para fazer acontecer o seu reino. Ele encontra o cenário de pobreza, doença, prisão, luto e tristeza para transformá-los. A Boa Nova anunciada produz cura, justiça e graça. Por isso é boa nova de alegria e salvação.

Os apóstolos e discípulos realizaram o importante papel de propagar os feitos e sinais de Jesus. Eles conviveram mais de perto com Jesus e se abriram à ação do espírito de Deus. Eles souberam reler a história passada à luz do presente, para ser a quarta fase como a “boa notícia”. Segundo o que disse MARCONCINI (2012: 19):

Já a aplicação exclusiva do termo evangelho, que teve início no século II e se tornou comum a partir de então reconhecer nos escritos a capacidade de unir passado e presente, ou seja, a capacidade de trazer para o homem de hoje a salvação proclamada por Jesus ontem. Para ser de fato, “boa notícia”, é necessária a existência de um acontecimento, a vida de Jesus, e a possibilidade de que isso continue a produzir alegria e salvação.

Antes de reconhecer os escritos, as comunidades primitivas viveram e finalmente sentiram a convicção de escrever o Evangelho décadas posteriores à morte de Jesus. Nos textos Sagrados, não há registros de que Jesus tenha escrito ou deixado algum livro de sua autoria. Só há um registro de que Ele escrevia na areia enquanto falava com os homens que queriam apedrejar a “mulher pecadora” Jo 8,6. Os escritos foram definidos como confiáveis, pois eram atribuídos a autores que pertenciam a Igreja primitiva como testemunhas oculares dos que conviveram com Jesus.

Jesus estava sempre aberto para as pessoas, que traziam as suas dificuldades e desejavam ser atendidas e ouvidas. Eis a atitude que possibilita perceber a situação do povo sofrido: Jesus, o Filho de Deus, ouve o grito de dor, do peso sobre as pessoas em geral. Assim, no Evangelho de Mateus, Jesus é o novo Moisés a ensinar a nova lei, mas, sobretudo, é aquele que conhece a origem dos clamores dos escravos no Egito. Deus se revela como aquele que ouve e vê: (Ex 3, 7), “Eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvei o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos”. Os líderes de hoje precisam estar atentos à realidade e ouvir com atenção. Eis a mensagem fundamental, do êxodo, cuja imagem de Deus compassivo se revela com clareza na pessoa e na prática de Jesus. Ele estava próximo da multidão, tinha compaixão do povo faminto e doente.

2.7 - As mulheres no Evangelho

O evangelista Lucas tem uma peculiaridade bem estruturada de escrever com investigação cuidadosa. Dos quatro evangelistas, Lucas é o que mais destaca a

presença e atuação das mulheres. Logo no início do Evangelho faz referência a duas mulheres: Izabel e Maria, a mãe de Jesus. Ele demonstra atenção e cuidado ao evidenciar estas duas mulheres que trouxeram no ventre materno a vida do Precursor e o Salvador. A vinda de João teve o objetivo de preparar os caminhos de Jesus e converter muitos filhos de Israel para Deus (cf. Lc 1, 5-24).

Izabel é a primeira mulher que Lucas destaca em seu evangelho. Como esposa de Zacarias, possuía três dificuldades: mulher, estéril e de idade avançada. Estas eram as três situações de exclusão muito acentuadas no judaísmo em relação à mulher. A mulher era tratada como inferior ao homem. O homem que casava com a mulher estéril, simplesmente a substituía por outra. A fertilidade da mulher de idade avançada é limitada. No entanto, mesmo com as leis desfavoráveis à Izabel, Zacarias foi fiel. Deus o agraciou com a paternidade, mesmo que no início ficara mudo, mas depois proclamou que Deus visitou seu povo e o libertou. Ele acreditou na Palavra de Deus e, como pai de João Batista, representava também o povo de Israel esperançoso do Messias. A maternidade de Izabel a libertou da exclusão que sofria e disse: “Eis o que o Senhor fez por mim, nos dias em que ele se dignou tirar-me da humilhação pública!” (Lc 1, 25). Ainda no útero de Izabel, João recebe o Espírito Santo (Lc 1,15) e começa a missão de apontar o Messias esperado.

Depois do texto de Izabel e Zacarias, temos a narração do anúncio do anjo Gabriel à Maria. Deus em sua misericórdia estende a salvação a toda humanidade por meio do seu Filho Jesus, o Emanuel - Deus conosco. Maria, a sua mãe, aceita o anúncio com o sim para colaborar na missão salvífica. STORNILO (1992: 22) remete as seguintes citações do AT:

Na pessoa de todos os pobres que esperam a salvação, Maria reconhece e se alegra com a grandeza de Deus (1,46-47; Habacuc 3,18) Por quê? Porque viu a humilhação do seu povo pobre, e veio libertá-lo aos olhos de todos (1,48; 1 Samuel 1,11). Com efeito, a maior glória e testemunho da santidade e da misericórdia de Deus é ele se aliar e assumir a situação dos pobres, a fim de libertá-los, dando eficácia à luta deles (1,49-50; Deuteronômio 10,2; Salmo 103,17).

Maria é uma adolescente, humilde e virgem, que fica grávida do Messias libertador dos pobres. No momento quase simultâneo, Izabel e Maria ficam grávidas, diferença de seis meses. O contexto da época estava formado pelas estruturas familiares, sociais, econômicas, políticas e religiosas. Conforme STORNILO (1992:

23) “O Antigo Testamento se cumpre com o nascimento de João, e o término do tempo da gravidez de Izabel marca também o fim do tempo da espera da salvação”. Por outro lado, Maria, por meio do seu sim, marcou a novidade de Deus, que se instaurou o Novo Testamento. Trata-se da realização da Boa Nova iniciada com Jesus, o Messias. Maria instaura a nova experiência comunitária e libertadora com seu Filho. Essa “comunidade libertadora”, Jesus realiza também na sua prática. Ele trata as mulheres como iguais e as integra no projeto salvador do Reino de Deus. Maria vive toda a imensa riqueza do Judaísmo. Ela é o estandarte de uma nova expectativa, modelo de mulher, na fé e na solidariedade.

Jesus, por sua vez, veio estabelecer relações novas mais justas, com mais igualdade de direitos entre homem e mulher. A prática da igualdade supõe começar em casa a realização do ideal de comunidade. A família de Nazaré se tornou suporte para outras pessoas com possibilidade de estruturação e integração no cotidiano. Na integração familiar se compreende todo o Reino de Deus: mulheres e homens novos libertos na fé.

Além das duas mulheres especiais, Izabel e Maria, predecessoras de Jesus, se fará mais adiante um relato de outras mulheres no evangelho que assumiram uma nova vida. Estas mulheres foram iluminadas e resgatadas por Jesus, para participarem do projeto de dignidade, igualdade, dentro do contexto social da época. Lucas também relatou curas e milagres de Jesus em várias situações de sofrimento na época. O sofrimento de muitos homens e mulheres foi aliviado pela cura por acreditarem em Jesus. Assim, algumas mulheres foram curadas, dentre as quais, Maria Madalena, que depois seguiu a Jesus, (Lc 8.1b-3):

Os Doze O acompanhavam, assim como algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios; Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes; Susana e várias outras, que serviam com os seus bens.

No Evangelho, Boa Nova, Lucas mostra o quanto esta e outras notícias indicam a prática libertadora de Jesus e as consequências da ação de Jesus. O passo que se dá é para libertar do sofrimento, mas quando as pessoas encontram o próprio Jesus, elas se tornam também participantes de sua vida e missão. Neste pequeno relato, Lucas mencionou o nome de três mulheres que juntamente a outras seguiam Jesus. O seguimento significa deixar, desapegar de coisas e até pessoas,

para seguir Jesus. O texto destaca que havia mulheres endemoniadas, doentes, e, depois de curadas, se tornaram profetisas e mudaram de vida. A mudança foi significativa, pois passaram a servir e seguir Jesus. Elas se igualaram aos homens no seguimento, ou seja, se tornaram discípulas e ainda O serviam com os seus bens. Com a dinâmica do Reino, Deus age em favor dos pobres em todos os sentidos. Segundo STORNILO (1992,18), “é através do próprio povo pobre que Deus vai agir preparando-o para o tempo da libertação e da vida”. A libertação é ação prática de Jesus que leva à plenitude da salvação, do Antigo no Novo Testamento, pela narrativa lucana.

O homem e a mulher são livres em comunhão recíproca, desde a criação e representam a imagem de Deus sobre a terra. Essa é base teológica para negar todos os tipos de exclusão da mulher. O pecado que causou essa exclusão e opressão vem das origens da humanidade. Deus disse: “Não é bom que o homem esteja sozinho. Vou fazer para ele uma auxiliar que lhe seja semelhante” (Gn 1,18). Adão não assumiu a responsabilidade do pecado de desobediência, pois não foi solidário com a mulher. Quando Deus o chama, ele se justifica, pois coloca a culpa na mulher. O pecado, a culpa de um sobre o outro gerou consequências de domínio, ou seja neste caso Adão disse para Deus, que a mulher ofereceu o fruto, assim fecha o ciclo de respostas. O mito da criação, desde a origem, deixa claro que Deus criou tudo para todos, mas a astúcia dos mais fortes em culpar e oprimir os mais ingênuos, menos experientes se instalou com livre arbítrio no ser humano. E assim se alastrou a opressão que deu origem a muitos sofrimentos. O ser humano devia ser obediente, mas o desejo de poder, inclusive a ambição de ser igual a Deus, foi a raiz da desgraça. Não se pode esquecer de que cada um ocupa o espaço dado por Deus. Eles foram expulsos do paraíso por causa da desobediência. Em (Gn 3, 16b) é dito à mulher “a paixão vai arrastar você para o marido, e ele a dominará”. O domínio aqui se entende o controle da paixão, que pode ser positivo ou negativo. Em muitas situações, as pessoas entendem aquilo que elas querem fortalecer ou enfraquecer a ação da palavra. Por exemplo, o domínio de si é uma boa virtude mencionada por Paulo em (Gl 5, 23). A causa de todo o domínio foi um entendimento negativo, de que a culpa é do outro. A condição de inferioridade da mulher continua no Novo Testamento. Segundo MEYERS, (1990: 9-25) disse o seguinte:

- 1 - geralmente sem nome, pertencia ao pai quando solteira;
- 2 - depois do casamento propriedade do marido;
- 3 - sem autonomia, não era nem contada entre os habitantes;
- 4 - se estéril, era relegada ou substituída, pela escrava;
- 5 - sua participação era passiva somente para procriação;
- 6 - convivia com a poligamia do marido, sem poder reclamar, pois a poligamia era aceita. No tempo de Jesus a situação da mulher era desprezível e não foi muito diferente das épocas anteriores.

Jesus sentiu compaixão, empatia e por isso não despedia as pessoas sem beneficiá-las. Jesus realizou a cura, pois era sensível às pessoas sofredoras. Ele viu as mulheres inclinadas no silêncio, sozinhas, enfadadas pela dor, humilhadas, pobres, doentes em busca de compaixão. A condição do silêncio, a posição do corpo, a maneira de olhar normalmente causava desconforto e indignação para quem possuía a percepção sensível. Os textos bíblicos relatam fatos e situações das pessoas a Jesus, com o silêncio ou poucas palavras, talvez não tivessem força ou coragem de reerguer-se de sua situação de sofrimento.

A pesquisa se relaciona às mulheres em geral, que acompanhavam Jesus. Algumas delas eram doentes e sem nome. Muitas vezes, eram identificadas pela enfermidade ou região que moravam. Alguns exemplos: a mulher Cananéia siro-fenícia (Mt 15, 21-28), a mulher pecadora (Lc7,36-50), a sogra de Pedro que estava com febre (Mc 1, 29-31), (Lc 4, 38-41) e (Mt 8,14-15), a viúva de Naim (Lc7,11-16), a mulher com fluxo de sangue (Lc 8,40-56). O nome para a tradição judaica era de primordial importância, diferente parece ser em outras culturas.

Em Lucas, o relato mostra que a mulher doente não era conhecida pelo nome, mas por sua condição. Ela foi identificada como “a mulher encurvada”. Ela pode representar ou simbolizar todas as mulheres, sofredoras, anônimas. A mulher encurvada não gritava pedindo socorro e cura. Jesus conhecia sua dor. A mulher foi grata a Jesus e louvou a Deus. O texto tem o objetivo de mostrar a ação de Jesus sobre as pessoas, a salvação para todos.

Em outros textos relacionados à mulher, Lucas se refere à cura realizada por Jesus, para as pessoas que desejavam ser curadas. Jesus se comoveu profundamente com a situação da viúva de Naim, pois ela perdera o filho único. Neste exemplo, pode-se perceber que em nenhum momento é citado o nome da mulher. As mulheres eram identificadas pela origem, condição social, parentesco, lugar de origem ou estado civil.

A princípio, os textos foram construídos com o enfoque de mostrar algo que foi a razão de Jesus realizar a cura. Por exemplo, o texto da sogra de Pedro, “a sogra de Pedro estava com febre alta (Lc 4,38)”. O sintoma de febre alta é risco de perder a vida, se não for tratado. A febre poderia levar à morte. Em Lucas, Jesus nem tocou ou tomou pela mão, apenas intimou a febre que a deixou.

Outro exemplo é o da viúva de Naim, “coincidiu que levavam a enterrar um morto, filho único de mãe viúva (Lc 7,12)”. A situação é de muita tristeza, porque havia morrido o único filho de suas entranhas. Ela era viúva e como não bastasse a perda do marido, com mais uma morte, acabava naquele momento a sua família. Ela perdera o apoio de tudo, que ela sonhara um dia. A passagem bíblica fala de uma multidão que acompanhava Jesus e encontra outra que levava e acompanhava o caixão do morto. Na multidão há muito barulho, massificação, conversa, então imagine duas multidões! Jesus tem o domínio total de si. Ele se comove de compaixão e vê a dor daquela mulher, depois se aproxima do caixão e toca. O toque chamou a atenção, pois os que carregavam pararam. É o tempo de Deus, acontece a ressurreição, Deus visita o seu povo por meio de Jesus que restaura a vida.

O exemplo a seguir, na relação de Jesus com as mulheres, acentua fortemente a libertação do pecado. “Apareceu então uma mulher da cidade, uma pecadora (Lc 7,37)”. O texto comprova “uma pecadora”. O pecado é uma carga negativa contra o projeto do Reino de Deus. O sentimento do pecado é tristeza, dor, um não ao alvo da bondade, do bem. O pecado reconhecido e acompanhado de arrependimento é sinal da graça. Se não tiver intervenção com a graça, o pecado pode aos poucos matar o ser humano. Quando Deus se aproxima do povo, dá a nova chance pela cura da doença tanto física ou espiritual por meio do perdão. Jesus morreu e deu a vida a toda humanidade e foi capaz de perdoar os algozes na hora da crucificação.

Pois bem, para retomar a temática lucana da misericórdia, temos a narração da cura de doença: “Certa mulher, porém, que sofria de um fluxo de sangue (Lc 8,43)”. Toda mulher possui o seu ciclo menstrual mensal, porém era considerada impura e ficava impuros quem fosse tocado por uma delas. A fé em Jesus fez a mulher violar a lei no silêncio, e ela foi curada. A cura aconteceu depois de doze anos de hemorragia. Isto significa que foi reintegrada no convívio social e salva da morte. Se não fosse curada, o corpo perderia a imunidade, a resistência física e a

pessoa poderia obter uma anemia aprofunda e assim todo corpo sofreria as consequências até a morte, se não fosse cuidada.

A cura da mulher encurvada será detalhada mais a frente, “E eis que se encontrava lá uma mulher, possuída havia dezoito anos por um espírito que a tornava enferma” (Lc 13,11). Jesus realizou a cura para estas mulheres como expressão da gratuidade de Deus que socorre seu povo. A cura destas mulheres aconteceu diante da doença, do pecado e da morte. O retorno da vida foi transformado em cura, perdão e ressurreição. O texto não cita exigência e nem pedido para sair daquela situação. Para curar as pessoas, Jesus vê, ouve e se aproxima, restaura as necessidades essenciais do corpo. Jesus, o Filho de Deus, sente, ouve e é movido de compaixão em favor do outro.

Os gestos de Jesus diante das mulheres são diferenciados para mostrar que cada pessoa é única e possui necessidades peculiares em grau e intensidade. Para a sogra de Pedro, Ele se inclinou (4,39), para ver a viúva, ficou comovido, aproximou-se do filho morto e o tocou, (7,13-14), para a pecadora, voltou-se para ela, (7,44). Com uma observação mais apurada, algo diferente acontece, porque certa mulher O tocou por detrás da extremidade da veste de Jesus. Jesus se deixa tocar (8,44). Jesus vê e chama a mulher encurvada para participar da alegria e dignidade. Quanto à sogra de Pedro, não há registro da fala de Jesus. Segundo Marcos, Jesus a tocou; em Lucas, Jesus intimou a febre. Após a cura, ela se prontificou a servi-los. Quem está doente precisa ser servido. Ela foi beneficiada pela ação e ministério de Jesus.

2.7.1 - A análise das expressões de Jesus em relação às pessoas que foram curadas.

Em relação à viúva de Naim: "Não chore". Ao Jovem: "Jovem, eu digo, levante-se!" Para a viúva era curar e voltar à dignidade materna, que se tinha perdido. Para o filho é a oportunidade de realimentar o consolo da mãe, que havia perdido duas pessoas importantes em sua vida: o filho e o marido.

Jesus disse à mulher pecadora (Lc 7,50) "Tua fé te salvou; vá em paz", aqui permanece o amor, o maior resgate para a dignidade humana. A sua dignidade é restabelecida, ela sentia a necessidade da limpeza interior. A purificação em

lágrimas foi um ato extenso e grandioso em qualidade e quantidade, a ponto de lavar os pés de Cristo. Além das lágrimas, acontecem mais três ações: enxuga com os cabelos, cobre de beijos e unge com o perfume.

As mulheres na época de Jesus usavam véus, tiaras, echarpes, ou seja, não era costume ficarem de cabelos soltos. Porém esta mulher não se importou com o que iriam dizer, dos próprios cabelos soltos, enxugou os pés de Jesus. O beijo é afeto, confiança e ósculo da paz em outra pessoa. Assim a pecadora beijava e ungia os pés de Jesus, em uma atitude de consideração, de autoconfissão e sinal de amor fraterno pela fé. A liberdade passou a reinar no coração da mulher. De uma pecadora, se tornou a mulher perdoada, redimida. O óleo perfumado e ungido em Jesus confirma a sua consagração de ungido do Senhor. Então, toda ação do cenário da refeição deixou a marca forte do arrependimento dos pecados.

A mulher com hemorragia (Lc 8,48) “Minha filha, tua fé te salvou; vai em paz” Jesus se coloca como Pai e a exalta pela sua fé, que a salvou e deseja a paz. Neste momento do texto, acontece o convite do seguimento, porque não há nada que a impeça de caminhar. Uma vez salva, ganhou vitalidade física e espiritual. Quanto à mulher encurvada, tema do nosso estudo (Lc 13,12); “Mulher, estás livre da tua doença”, que significa, levante a cabeça, olha nos olhos das pessoas, veja a vida, os lados, à frente, a prisão acabou!

2.8 - O projeto libertador de Jesus

A prática da libertação faz parte do plano de Deus. Jesus se põe em ação no grande plano de Deus. Ele era um homem livre mesmo sofrendo ameaças externas, mas internamente estava sempre determinado a falar palavras que promovia a libertação. A atuação de Jesus foi sempre instaurar a verdade em qualquer lugar e circunstâncias. Por isso mesmo, Ele atendia as pessoas com ternura e mansidão.

Quando Jesus leu a escritura na Sinagoga (Is 61, 1) “O Senhor me ungiu para proclamar a liberdade aos cativos, à libertação aos que estão presos”, para alguns foi motivo de expulsão, conforme a narração de (Lc 4, 29). Segundo BOVON (2002: 485), “libertar a pessoa é recuperar a vida”, ou seja, alguém que está preso tem impedimentos para agir, caminhar. E a única atitude de aprisionamento é a solidão, a depressão, a morte. De fato, Jesus é o libertador de várias situações antagônicas:

dos pobres aos ricos, dos humildes aos poderosos, do doente ao saudável, dos pecadores aos puros, entre outras.

O próprio Lucas descreve o fechamento dos judeus em relação à promessa de Deus com o seu povo. Os doutores da lei não aceitavam a manifestação de Deus em Jesus, seu Filho, e nem para o povo que acolhia o reino de justiça e a libertação. A narrativa da mulher encurvada é um exemplo que o próprio Filho de Deus oferece a libertação. BOVON (2002: 494) “refere que Jesus declara a libertação oferecida por Deus e transforma em ação a virtualidade de sua palavra”.

A libertação muitas vezes acontecia dia de sábado, dia proibido para os judeus. Podem-se analisar outros fatos, ações, por exemplo, “a colheita das espigas” (Lc 6, 1-5), “o homem da mão seca” (Lc 6, 6-11) foram milagres no sábado para significar que a defesa da vida está acima da lei. A vida é a chave para ser interpretada acima da lei do sábado. “O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado”! A intervenção de Jesus foi mostrar o verdadeiro Deus à humanidade. O ser humano tão precioso aos olhos de Deus, o seu Filho mais valoroso ainda foi entregue com o preço do próprio sangue. A libertação para alguns judeus que se tornaram cristãos, testemunhas vivas, trouxeram interrogações à prática judaica. Por quê? Porque se eles estivessem convictos do judaísmo, das regras, limitados às leis, eles jamais seriam cristãos. Uma vez convencidos, eles perceberam a libertação, tiraram o peso, a dor, a fome, ou seja, viram e sentiram o *καιρός* - o momento oportuno, tempo de Deus. BOVON (2002: 494) destaca “restabelecer a criatura em sua integridade inicial”. A palavra restabelecer é a que mais lhe convinha. Para quem estava de fora, sem direito de participar, certamente perdeu muitas oportunidade antes do momento salvífico em Deus e por meio de seu Filho. O Filho de Deus age com determinação e cura cada pessoa. Jesus sentia empatia com o ser humano sofrido, porque ele assumiu a missão do servo sofredor (Is 52-53). BOVON (2002: 485) também comenta sobre as vítimas oprimidas que se tornaram discípulos (as) de Jesus:

Para expressar a irrupção desta força divina, que tornará essa libertação uma regeneração, Lucas indica uma imposição de mãos, isto é, um gesto associado às vezes ao ministério da cura como aqui e outros ao presente litúrgico do Espírito Santo. Nos olhos de Lucas, Jesus e depois dele, seus principais discípulos dispõem da força de Deus, que arranca suas vítimas das mãos de Satanás.

Neste aspecto, percebe-se a ação misericordiosa de Deus agindo de forma consoladora e ativa nos espaços assimétricos da vida humana. Uma vez que Jesus vai ao encontro das pessoas e as liberta, elas também passam a serem seguidoras. FITZMEYER T II (1983: 531) refere que “Jesus age com total autoridade no sábado e nas mais antigas tradições do judaísmo, e até se atreve a expor aqueles que criticam suas ações pela hipocrisia radical que exala essas reações de escândalo”. O autor coloca Jesus na linha de frente em exposição e risco para defender a vida, libertar a vítima que era o seu maior objetivo.

Segundo STORNILO (1992: 48-52), a temática da libertação é bem presente no Evangelho. No seu livro, ele relata alguns capítulos que tratam diretamente da palavra libertação. No primeiro capítulo: “Jesus liberta dos demônios” e nos subtítulos seguintes: “Jesus liberta da alienação”. A principal ação do demônio é dispersar as pessoas, não permitir que elas pensem e ajam em favor de si mesmas. No segundo capítulo, “Jesus liberta para servir”. Então Ele enfrenta o demônio e o derrota na cura da febre que acometeu a sogra de Pedro. No terceiro, “Jesus liberta a todos”, com o toque traz a vida e a saúde de volta. Na quarta etapa, “Jesus traz o Reino para todos”. Ser libertado não é somente ficar livre dos males, mas comprometer-se com o projeto de Deus e de seu Reinado. MEIER (1998: 331) aponta que: “Dessa maneira, os milagres, as curas e o perdão dos pecados são colocados lado a lado como manifestações concretas da visita de Deus a seu povo, através de Jesus”. STORNILO fala do segundo e terceiro capítulos intitulados em “O anúncio da grande libertação I e II” (1992: 66-74), justamente para mostrar a essência cristã que é o amor:

O sermão reúne palavras dispersas de Jesus, mas podemos distinguir claramente quatro partes, com uma introdução (6,17-20); bem-aventuranças e más aventuranças (6,20-26); a gratuidade nas relações (6, 27-36); só Deus pode julgar (6, 37-42); os atos revelam o íntimo (6, 43-45); conclusão (6, 46-49).

Em resumo, Lucas narrou o grande projeto de Jesus, que em cada situação a Palavra foi dita para revelar o seu mistério, ação e reflexão. A força da Palavra e o testemunho de Jesus era a própria visita de Deus no meio do seu povo. De acordo com FITZMEYER I (1983: 454), “o significado dessas ações é mais do que uma

manifestação de poder pelo qual o domínio de Deus sobre a humanidade é estabelecido”. É manifestação de que o reino está no meio do povo.

O autor mostra que o mal acontece, mas, por outra parte, Deus obtém o poder maior e estabelece o domínio do bem contra o mal. O ser humano sonha com a liberdade e a recuperação de tudo aquilo que o aflige. O milagre, a cura realizada por Jesus em cada pessoa, mostra um sinal muito interessante, que sempre acontecia próximo de muitas pessoas. A multidão exerce uma grande força de opinião, de testemunho do que via. Diante da cura ou milagre que Jesus realizava havia curiosidade e imaginação de alguns. Para outros era a expectativa de alívio, aproximação, alegria, gratidão. Essa expectativa se realizou em Jesus que estava junto deles. Tudo era graça. Não era necessário pagar com animais sacrificados, costume bem presente no primeiro século da era cristã. Em Jesus a religião se tornou libertadora, pois ele dedicou sua vida para salvar a humanidade. Ele inaugurou o ano da graça (Is 61,1-2). E com Jesus tudo é solucionado com formas variadas de ações, por exemplo, o toque, uma palavra, um gesto, uma chamada. Jesus emite uma luz diferente sobre as pessoas, ligando a sua missão ao texto de (Is 61, 1-2). O fio condutor de Deus está no caminho com a pessoa de Jesus. Ele realiza a libertação prometida das vidas aprisionadas, acorrentadas, oprimidas, pobres, doentes, ignoradas e descartadas.

STORNILO (1992: 101-105) comenta “O caminho da libertação” (9,51-10,24) em Lucas. Ele se desdobra em “a grande decisão, dos seguidores, dos anunciadores do Reino, que se conclui com a alegria do discípulo e a alegria de Jesus”. Acontece o movimento dos dois lados: em Jesus que afirma com a prática e com o discípulo que confirma a palavra. O movimento produz energia e calor, faz dar novos passos, e Jesus caminha de maneira a ganhar e concretizar o objetivo de ser seguido. O imobilismo mata a criatividade, a paixão pelo Reino. E o mais interessante que os seguidores receberam um aviso de Jesus “O Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça” significa um estado permanente de seguidores na pobreza. Não há estabilidade e sim vigilância, movimento constante. A vigilância gera segurança que está fundamentada no projeto do Reino que faz alusão às palavras de Jesus: “quem perde a sua vida a ganhará depois Mc 8,36”.

Alinhado à ação, PAGOLA (2012: 165) destaca que o seguimento de Jesus exige uma dinâmica de movimento. “Por isso, o imobilismo dentro da Igreja é uma

enfermidade mortal: mata a paixão de seguir Jesus compartilhando sua vida, sua causa e seu destino”. Então quem acompanha é estimulado a caminhar, vê novos ares, exercita-se a conhecer novas pessoas, lugares, costumes, entre outras realidades. Por isso Jesus é mistério, é sempre novo e traz a Boa Nova.

Para STORNILO (1992: 130-134), na sequência da temática de Lucas (quinto capítulo do seu livro), “Jesus liberta do fardo da religião” em Lc (13, 10-35). Nesta citação está presente o texto da perícopes da dissertação. Os subtítulos estão elencados:

- a) “Jesus tira o fardo das costas do povo”. O sábado se tornou a marca de instituição da punição e desfavorável à libertação.
- b) “O Reino libertador não vem por imposição”. Jesus propõe no lugar da religião que mata e oprime, a libertação para a vida.
- c) “A porta estreita da justiça”, quer dizer ao cristão convertido, que praticar a justiça tem passagem gratuita com Deus. Se alguns estão oprimidos, é porque foi tirada a liberdade. Deus não abandona ninguém, mas respeita a liberdade de escolha de cada um e por meio de sua Palavra mostra a humanidade o sentido de justiça.

A força das Palavras de Jesus em (Lc 13, 10-35) instantaneamente surpreendeu a todos. O chefe da sinagoga ficou impactado com os gestos de Jesus em relação a mulher e reage dizendo: “são seis dias nos quais se deve trabalhar. É pois nesses dias que deveis vir para vos fazer curar, e não no dia de sábado”.

“A reação dos poderosos”, os prestigiados que estão no primeiro momento na zona de conforto, na abundância, mas quando Jesus fala das injustiças no meio do povo, eles reagem por sentir o perigo por perto e querem matá-lo.

‘A cidade da “religião que mata” é a Jerusalém que explora, divide não por todos. Jesus sonha com a cidade que proporciona o centro da vida, lugar de encontro, de igualdade e transformação’. Lucas evidencia o povo de Israel que está na cidade de Jerusalém. Por isso Jesus se encanta por Jerusalém, não para mostrar o poder apostólico, mas diante da crise e tensões nascem três exortações segundo AUNEAU (1985: 278) que são:

1. Na Igreja, o poder é exercido no serviço (Lc 21,24-27).
2. É preciso submeter o interesse da Igreja à apreciação dos crentes. Se a busca do bem se processa em comum, na fé e na oração, Deus,

terceiro ausente e presente, revela progressivamente sua vontade aos apóstolos e ao povo.

3. A persuasão e não a violência é o método preferido pela autoridade apostólica.

Deus age no presente e na forma circular da ação interna e externa do seu povo. A pastoral apascentadora do rebanho local e eclesial anuncia o Evangelho a outras terras. No entendimento geral, o Reino inclui a todos de boa vontade que aceitam e se convertem à Palavra de Deus.

E por último, STORNILO (1992: 170-174) finaliza o sexto capítulo do seu livro fazendo comentário de (Lc 19, 29-20,8), “chegou o Messias pobre para libertar os pobres”, Jesus chega à capital Jerusalém. A capital que Jesus tanto ama é também do povo. A chegada de Jesus provoca duas reações: com os pobres é aclamado, e com os ricos é ameaçado. “Chegou o Messias libertador dos pobres”, os poderosos possuem muitos bens e sabem da injustiça que fizeram contra os pobres que são numerosos. Uma multidão de pessoas possui muita força. “Da alegria para o choro”. A verdade está com os pobres e Jesus sabe que fará o anúncio, que será rejeitado e custará a própria morte. “Jesus ataca o centro da injustiça” onde predomina o comércio, o banco, a economia e junto vem à exploração e opressão ao povo. FITZMEYER III (1986: 183):

Existe um paralelo claro com o início do ministério na Galileia. Tudo começou com a rejeição por parte de seus compatriotas (Lc 4,16-30); aqui a nova seção do evangelho, o relato da viagem a Jerusalém, abre também com uma cena de rejeição (Lc9, 52-56). A alusão direta ao ciclo do profeta Elias (Lc4, 25-26) reaparece aqui, ainda que indiretamente (Lc 9,54). Mas o valor da referência profética é diferente em ambas as passagens; aqui, em particular, a reação de Tiago e João, com a demanda de uma intervenção divina - "pode ser um raio do céu e consumá-los" - é a ocasião para que Jesus rejeite qualquer identificação de sua própria personalidade com a figura do ardente reformador escatológico (veja nossas reflexões no "comentário geral" ao Lc7: 18-23 no Volume II).⁷

Para esclarecer a missão de Jesus em Jerusalém, é importante analisar outros textos interligados pela história, que identifica o povo e a aliança com Deus. O povo era colocado em sintonia nos passos da mensagem de Jesus. O presente está interligado ao passado, não como uma mera repetição, mas com as características

⁷Jesus vê bem mais como a personificação das bênçãos divinas, que em termos do profeta Isaías, ou seja, teria que ser derramado sobre os estratos das pessoas mais deprimidas da sociedade humana. No início, João considerou Jesus como aquele que deveria completar o que ele iniciou; Jesus era "o mais forte que eu" (Lc 3,16), "aquele que deve vir" aquele que "está prestes a chegar".

de seu tempo em ações do Antigo e Novo testamento. FITZMEYER II (1986: 657) recomenda:

Neste horizonte se entende o fim da resposta de Jesus. É uma bem-aventurança que proclama felizes aqueles que se aproximam de sua figura sem ideias preconceituosas, sem prejuízo de qualquer tipo. Jesus não será uma pedra de tropeço para aquele que o compreende como a personificação das bênçãos divinas anunciadas por Isaías e não como o reformador do fogo da era escatológica. Ninguém pode ser ofendido por ele.

A reflexão coloca a pessoa de Jesus, o bem aventurado. No contexto, entende-se o tamanho da autoridade de Jesus. As autoridades religiosas daquele tempo fizeram ciladas para acabar com o alvoroço do povo. O entendimento de Jesus foi devolver as respostas em forma de perguntas. E as respostas geraram animosidade ao invés de diálogo, ou seja, deixou as autoridades em dificuldades para aceitar o Filho de Deus. O próprio Jesus disse: “O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui” (João 18: 36). Desde então Jesus se apoiou no Pai para aliar aos pobres e sofredores, libertando-os. João também está atento às ações de Jesus com muita objetividade em sua missão no mundo. FABRIS & MAGGIONI (1992: 85) endossa as atitudes de Jesus pelos pequenos. Jesus “vai ao encontro dos fracos, cura os doentes, procura os excluídos, perdoa e acolhe pecadores [...]”. Há uma diferença decepcionante entre a expectativa escatológica e a realidade histórica.

É pertinente lembrar que há muitas novidades tanto para João e os discípulos da comunidade lucana, como a outros cristãos da época. O próprio João pediu aos seus discípulos para perguntar a Jesus se era Ele que devia vir ou deviam esperar outro? (Lc7, 20-23). Entende-se que João queria saber da boca de Jesus que Ele era o Messias, porque estava preso impedido de acompanhá-lo mais de perto:

Os homens, chegando junto dele, disseram: ‘João Batista nos mandou perguntar: “És aquele que há de vir ou havemos de esperar outro?”’ Nesse momento, ele curou a muitos de doenças, de enfermidades, de espíritos malignos; e restituiu a vista a muitos cegos. Então lhes respondeu: “Ide contar a João o que vedes e ouvis: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, e os surdos ouvem; os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o evangelho; e feliz aquele que não ficar escandalizado por causa de mim!”

Esta passagem do Evangelho é muito interessante, assim que os discípulos de João saem, Jesus começa a exaltar o comportamento de João na simplicidade das vestes e alimentos. Ele o considera mais do que um profeta. Jesus não o cita pela relação de parentesco, mas por ser alguém que prediz o futuro das coisas e sobre Deus. João é o profeta que anuncia os acontecimentos por inspiração de Deus como todos outros profetas. Deus se manifesta por meio dos pensamentos, sinais, símbolos, profetismo, conforme a sua vontade. A manifestação se dá pelas muitas mensagens e controvérsias, onde a essência foi ofuscada, por isso é que houve a necessidade de João enviar os discípulos a Jesus para perguntar, “se Ele era aquele que devia vir ou deveria esperar outro?” (Lc 7,19). Jesus responde de forma simples e inteligente. Vejam os coxos andam, os mudos falam,

3 - JESUS E A MULHER ENCURVADA

A ação da cura da mulher encurvada se dá no caminho de Jesus para Jerusalém. A cura acontece em uma sinagoga em dia de sábado. Por causa do sábado, a cura ocasiona uma discussão do que se deve ou não realizar nesse dia. Após a cura e os agradecimentos da mulher (Lc 13,13), aparece o conflito em torno da observância do sábado, pelo fato da realização de um trabalho, quando nada se deveria fazer nesse dia.

Nas tradições judaicas, o sábado distingue Israel e o povo judeu do mundo inteiro. A observância do sábado dá identidade ao povo judaico. A sua origem se encontra no relato de (Gn 2, 2-3): “Deus concluiu no sétimo dia a obra que fizera e no mesmo dia descansou, depois de toda obra que fizera. Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou depois de toda a sua obra de criação”. O fim da obra de Deus é denominada pelo povo judeu de “shabbat” que significa cessar ou descansar. O dia do descanso, ausência de trabalho consistia na dedicação às orações, que normalmente acontecia em uma sinagoga. As referências do AT a respeito do significado do descanso sabático fazem parte da memória no Evangelho de Lucas. Por isso, a memória faz um efeito pertinente na mente de Lucas, com relação aos antepassados, pois ajuda a entender o processo de mudança na observância do sábado, no contexto cristão. Esta observância está ligada à obediência à vontade de Deus.

A perícope que analisaremos do Evangelho de Lucas está entre o contexto da figueira estéril que parece estar deslocada das intenções do autor. No entanto a comparação é significativa para a comunidade de Lucas. A parábola da figueira estéril (Lc 13,6-9), antes da cura da mulher encurvada indica que só um povo renovado vai produzir frutos. Nesse caso a comunidade cristã, obediente à Palavra de Jesus, vai produzir frutos de vida, de justiça, de misericórdia em oposição à comunidade judaica que não produz frutos, simbolizada na figueira estéril. BOVON (2004: 527-528), citando LAGRANGE e LOISY, afirma que a colocação da cura da mulher encurvada imediatamente depois do episódio da figueira estéril recebe interpretações diversas. Lucas parece seguir uma ordem cronológica (LAGRANGE) na colocação dessas duas perícopes. Para os autores que aderem à interpretação patrística (A. LOISY), a mulher curada é símbolo da Igreja, em contraste com a figueira estéril, símbolo da sinagoga. A cura da mulher encurvada dá um significado ao texto da figueira estéril. Com a passagem da sinagoga para a comunidade cristã, há uma mudança radical. Da esterilidade passa-se a produzir frutos, no caso a prática libertadora de Jesus que restaura a vida é um sinal dos tempos novos da graça (cf. Lc 4,14-18).

O evangelista Lucas, além de historiador, arquitetou a sua escrita em um conteúdo teológico. E para organizar a sua meta de anúncio da Boa Notícia bem articulada, Lucas utilizou os elementos constitutivos da natureza, o ser humano, os

espaços, em tudo que Deus está presente. Deus manifesta a sua presença, onde Ele é tudo. As necessidades do povo que eram muitas em todos os sentidos, porém a confiança na Palavra de Deus era tudo em suas vidas. A mulher encurvada tinha uma doença que existia há dezoito anos, mas ela acreditou na palavra e ação de Deus, em Jesus. O dia de Deus foi completo para a mulher. Assim a mensagem do texto visa para o povo que acredita na força da palavra, da partilha, da escuta para transformar em prática da novidade do seguimento de Jesus Cristo.

A princípio, o estudo do texto bíblico de (Lc 13, 10-17) perpassa o “método” em nível histórico, crítico e analítico. O que se baseia os três níveis? O nível “histórico” se baseia pela indicação das fontes como um trabalho de historiador à distância dos fatos: Lucas não pertenceu à geração das testemunhas oculares, nem à dos predecessores. Pertenceu, portanto, à terceira geração cristã, segundo MARGUERAT (2009: 121-122).

O nível “crítico” retoma o passado realizado dentro do contexto e espaço em que o povo vive. Trata-se de estudo diacrônico que marcou a grande produção de estudos bíblicos, com a preocupação de situar o relato no contexto histórico e se diz mais, estuda a fase pré-literária do Evangelho, como se formou.

A mulher estava em uma sinagoga em dia de sábado. Então Lucas destaca o valor da vida da mulher, mais que o sábado. Os exegetas e pesquisadores indicam a leitura para o entendimento bíblico, que sofre alterações ao longo dos anos, segundo a PCB - Pontifícia Comissão Bíblica (1994:17) que diz:

Para a exegese da Bíblia, a análise narrativa apresenta uma utilidade evidente, pois ela corresponde à natureza narrativa de um grande número de textos bíblicos. Ela pode contribuir a tornar fácil a passagem, muitas vezes sofrida, entre o sentido do texto em seu contexto histórico – tal como o método histórico-crítico procura defini-lo - e o alcance do texto para o leitor de hoje.

A pesquisa visa a compreensão dos textos bíblicos e à “análise”. A finalidade é dar um significado de maior relevância que marca, sinaliza, instrui e forma um povo. Os textos antigos ao longo de muitos anos se renovam pela hermenêutica. A cura, por exemplo, ensinou a mulher e muitas outras pessoas a acreditarem na novidade de Jesus. No AT em (Nm 15, 32-36), Deus manda matar um homem que violou o dia de sábado; no NT, (Lc 13,12), o Filho de Deus ordena que a mulher fique livre de sua doença e ao contrário do AT, que devolve a vida no sábado. O

contexto dos dois textos não pode ser tratado com a mesma medida. O primeiro desobedeceu à ordem, a segunda foi obediente e acreditou nas palavras.

O texto instituiu uma situação normal da participação do povo na sinagoga, mas se tornou anormal para o chefe, quando a mulher fora curada de sua doença. A mulher estava encurvada e foi curada por Jesus. A mulher fez a passagem do sofrimento, dor, prisão, imobilidade para uma nova pessoa curada e renovada. Jesus realizou por meio da flexibilidade e da proximidade os laços de comprometimento e de partilha com o povo. Pois a partilha envolve o estar no meio das diversas situações. Então a partilha proporciona sentir os interesses, os diálogos, as conciliações, os entrosamentos, as interações na comunidade cristã.

Pelo pensamento analítico, há outra vertente contrária à partilha, por exemplo, a doença, a margem, a solidão, ou seja, o espírito de inter-relação se enfraquece pelo tempo. A mulher encurvada vivenciou a marginalização pela lei que excluía as pessoas. E, uma vez excluída, ficou no silêncio, na solidão. Porém Jesus se aproximou da mulher.

A constituição-Dei Verbum⁸, como linha de estudo e reflexão, elucidou com cuidado que é preciso favorecer o acesso da Palavra de Deus ao povo. A leitura e interpretação da Palavra se consolidam no Espírito que foi escrita à luz da fé conforme a PCB (1994:10):

Ao invés de se contentar com uma interpretação objetivamente que se concentra sobre aquilo que diz o texto em seu contexto de origem, procura-se uma leitura que nasça da situação vivida pelo povo. Se este último vive em circunstâncias de opressão, é preciso recorrer à Bíblia para nela procurar o alimento capaz de sustentá-lo em suas lutas e suas esperanças. A realidade presente não deve ser ignorada, mas ao contrário, afrontada em vista de iluminá-la com a luz da Palavra. Desta luz resultará a práxis cristã autêntica, tendendo à transformação da sociedade por meio da justiça e do amor.

A Palavra de Deus caiu no chão da história para consolar e ser suporte para quem crê. A meditação e interpretação do texto faz ligação com as lutas e esperanças do povo. Assim o opressor sentirá medo de ser vencido para calar a voz de uma multidão fortalecida na fé.

A libertação faz parte do cotidiano de Jesus conforme a leitura que Ele mesmo fez na sinagoga a fazer a leitura de (Is 61, 1-2). A leitura trouxe consolo e

⁸Uma das constituições dos dezesseis documentos do Concílio Vaticano II. DEI VERBUM.

esperança principalmente aos pobres, negados do direito e da dignidade. O texto sempre conduz a compreensão geral no que refere à relação da vida. A palavra dada modifica o interior de cada um, em evidencia a pobreza, a desolação, os conflitos, as ameaças, que passava a comunidade cristã. Deus está presente na história de seu povo para salvá-lo por meio de seu Filho. Ele é o Deus dos pobres, que não tolera a opressão nem a injustiça. É fundamental fortalecer o legado de Deus na interpretação dos textos. Este legado nada mais é que estar sempre com os oprimidos. Quanto aos oprimidos, muitas vezes não há defensores para ajudá-los a sair do estado de opressão segundo a PCB (1994: 76):

É por isso que a exegese não pode ser neutra, mas deve tomar partido pelos pobres no seguimento de Deus, e engajar-se no combate pela libertação dos oprimidos. A participação nesse combate permite, precisamente, de fazer aparecer sentidos que se descobrem somente quando os textos bíblicos são lidos em um contexto de solidariedade efetiva com os oprimidos.

A leitura do texto citada anteriormente é um consolo a todos que buscam, de certo modo, um alívio e recompensa nos momentos de dor e sacrifícios. Muitos oprimidos possuem uma única esperança no dizer popular: “Deus está conosco”, “Ele não se esquece de nós”, “apesar do sofrimento, Ele caminha com a gente”. Nesta perspectiva, a mulher encurvada certamente sentiu um apelo para ir à Sinagoga. A deficiência estava em seu corpo por dezoito anos. E ela não perdeu a esperança e foi participar dos costumes, da cultura religiosa que ali existia. A sua doença não a impediu de caminhar, buscar alternativas e sentir a proximidade das pessoas.

A pesquisa se alinha a Jesus que curou a mulher encurvada em dia de sábado. Como era o sofrimento da mulher encurvada no texto de Lucas? Por que as doenças causavam exclusão? De que modo foi negado o direito de serem curadas por Jesus no dia de sábado? Que mecanismos as pessoas encurvadas das situações físicas, morais, políticas e econômicas podem fazer para encontrar o lugar social que as cure e liberte do peso da marginalização?

3.1 - Contexto

Antes de chegar a Jezrael, em Esdreton, deve ter acontecido a cura da mulher encurvada. Segundo o iconógrafo LAMBERTO FONT (1943), trata-se da região geográfica da Planície de Esdreton que fica bem próximo de Meguido e 8 km do Monte Tabor⁹. Localizado no norte do país, o vale é muito fértil com chuvas estacionais o que favorece a agricultura. O texto bíblico não menciona o lugar geográfico, somente a Sinagoga. Ali Jesus encontrou os pobres, os doentes, a mulher encurvada.

A versão lucana - uma “narração bem ordenada pela investigação cuidadosa”- sinaliza uma caminhada muito próxima de Jesus com os doentes. Uma caminhada com as exigências de entender o que Jesus quer ensinar, e aderir a seu seguimento. Segundo PIKAZA (1978: 86), “A subida de Jesus a Jerusalém é fundamento da missão da Igreja que conduz a um amor no qual se incluem Deus e o próximo”. Se a caminhada é estreita, também aparece com visibilidade, quando começa a perseguição logo após o nascimento de Jesus que vai até sua morte. Desta forma, no meio do percurso do evangelho de Lucas, Jesus se torna mais conhecido do povo em geral, porque Ele é o centro do caminho. PIKAZA (1978:86) ainda argumenta que “este caminho tem seu centro na vida do homem que é movido pelo Espírito e sabe chegar ao segredo de Cristo e supera, portanto o fechado ambiente judeu”. Nesse contexto, intensificam-se as ameaças dos doutores e entendidos da lei contra o projeto libertador de Jesus. A libertação de Jesus para com o povo remete sempre aos mais necessitados e vulneráveis dos direitos à justiça. A perícopes possui uma interligação com (Mt 16,2-3) e (Lc 12,54-56). Jesus não é aceito por alguns no meio da multidão como está em (Lc 12, 54), “Jesus também dizia às multidões”. Ele os chama de hipócritas, pois interpretam os sinais meteorológicos e não conseguem entender o tempo presente, o Messias dos pobres. A ação de cura ou milagre é motivo de ameaça e afronta. Jesus tem a reação de falar com a análise reflexiva. Assim, no texto da perícopes (Lc 13,10-17), acontece a mesma situação em Jesus, que se assemelha à espinha dorsal para libertar as pessoas do fechamento, da rigidez que oprime e bloqueia. Além de ir ao encontro das pessoas, Jesus foi encontrado por elas em sua atividade de cura e milagres. Ele então realiza a “ação misericordiosa e salvadora em Deus”, segundo

⁹ Pesquisa realizada pelo <www.google.com.br/maps> em 16/10/2017.

MEIER (1998:330). No caminho há pessoas sofridas, doentes que clamam por bênçãos, curas, milagres e reconhecem em Jesus a solução de seus problemas.

Lucas possui o raciocínio e habilidade com os textos de forma criativa e dinâmica. O Evangelista está a todo momento atento a Jesus que está sempre a caminho. O caminho é movimento e faz o caminhante enxergar outras pessoas em situações difíceis. Um exemplo bem pertinente é a cura do homem hidrópico, texto de fonte própria, caracterizado pela letra L¹⁰.

Após a cura, a reação foi imediata por parte dos especialistas em leis. O motivo da reação foi a cura em dia de sábado. É interessante que Jesus faz uma colocação provocativa em forma de pergunta, porque antes deste episódio fora desaprovado (Lc 13, 10-17): “Quem de vocês, se o seu filho ou seu boi cai num poço, não o tira imediatamente, ainda que seja sábado?” Sequer não disseram nada (Lc 14,1-6). O que se percebe aqui, não é a resposta em si, e sim uma resposta/pergunta evidenciada para o Chefe da Sinagoga. Pois o chefe insistiu dizendo: “Há seis dias nos quais se deve trabalhar, ... e não em dia de sábado” (Lc 13,14). Jesus responde com os mesmos critérios, tanto para a mulher encurvada como para o homem hidrópico. “Cada um de vós, no sábado, não solta seu boi ou seu asno do estábulo para levá-lo a beber? (Lc 13,15)”.

Antes de entrar no percurso exegético, propõe-se uma tradução mais literal do texto grego para o português. A tradução será segmentada em partes para facilitar o acompanhamento da citação.

3.2 – Tradução

Texto grego e tradução (Lc 13, 10-17)

Texto Grego	Vers	Tradução – Português
Ἦν δὲ διδάσκων ἐν μιᾷ τῶν συναγωγῶν ἐν τοῖς σάββασιν.	10	Estava, pois ensinando em uma das sinagogas aos sábados.
καὶ ἰδοὺ γυνὴ πνεῦμα ἔχουσα ἀσθενείας ἔτη δέκαοκτώ, καὶ ἦν συνκύπτουσα καὶ μὴ δυναμένη ἀνακύψαι εἰς τὸ παντελές.	11	E eis que havia uma mulher possessa de um espírito de enfermidade há dezoito anos; ela estava toda encurvada e não podia endireitar-se completamente.
	12	Vendo-a, Jesus chamou-a e disse:

¹⁰ Fonte particular de Lucas, ver o gráfico pág. 13

<p>ἰδὼν δὲ αὐτὴν ὁ Ἰησοῦς προσεφώνησεν καὶ εἶπεν αὐτῇ Γύναϊ, ἀπολέλυσαι τῆς ἀσθενείας σου,</p> <p>καὶ ἐπέθηκεν αὐτῇ τὰς χεῖρας· καὶ παραχρῆμα ἀνωρθώθη, καὶ ἐδόξαζεν τὸν Θεόν.</p> <p>ἀποκριθεὶς δὲ ὁ ἀρχισυνάγωγος, ἀγανακτῶν ὅτι τῷ σαββάτῳ ἐθεράπευσεν ὁ Ἰησοῦς, ἔλεγεν τῷ ὄχλῳ ὅτι Ἔξ ἡμέραι εἰσὶν ἐν αἷς δεῖ ἐργάζεσθαι· ἐν αὐταῖς οὖν ἐρχόμενοι θεραπεύεσθε καὶ μὴ τῇ ἡμέρᾳ τοῦ σαββάτου.</p> <p>ἀπεκρίθη δὲ αὐτῷ ὁ Κύριος καὶ εἶπεν Ὑποκριταί, ἕκαστος ὑμῶν τῷ σαββάτῳ οὐ λύει τὸν βοῦν αὐτοῦ ἢ τὸν ὄνον ἀπὸ τῆς φάτνης καὶ ἀπαγαγὼν ποτίζει;</p> <p>ταύτην δὲ θυγατέρα Ἀβραὰμ οὖσαν, ἣν ἔδησεν ὁ Σατανᾶς ἰδοὺ δέκα καὶ ὀκτὼ ἔτη, οὐκ ἔδει λυθῆναι ἀπὸ τοῦ δεσμοῦ τούτου τῇ ἡμέρᾳ τοῦ σαββάτου;</p> <p>καὶ ταῦτα λέγοντος αὐτοῦ κατησχύνοντο πάντες οἰάντικείμενοι αὐτῷ, καὶ πᾶς ὁ ὄχλος ἔχαιρεν ἐπὶ πᾶσιν τοῖς ἐνδόξοις τοῖς γινομένοις ὑπ’ αὐτοῦ.</p>	<p>13</p> <p>14</p> <p>15</p> <p>16</p> <p>17</p>	<p>“Mulher, eis que estás liberta da tua enfermidade”.</p> <p>E Ihes impôs as mãos: imediatamente ela ficou ereta e glorificava Deus.</p> <p>O chefe da sinagoga, indignado porque Jesus curava no sábado, tomando a palavra dizia à multidão: “São seis dias nos quais se deve trabalhar. É pois nesses dias que deveis vir para vos fazer curar, e não no dia de sábado”.</p> <p>O Senhor Ihe respondeu e disse: “Hipócritas, cada um de vós no sábado não desata o seu boi ou o asno da manjedoura, para levá-lo a beber?”</p> <p>Esta filha de Abraão, que Satanás tinha ligado há dezoito anos, não era preciso desatá-la desse liame no dia de sábado?</p> <p>E dizendo estas palavras, todos os seus adversários ficaram cobertos de vergonha, e toda a multidão se alegrava de todas as maravilhas que por ele se realizavam.</p>
--	---	---

Fonte: Novo Testamento grego-português, tradução interlinear, 2004, 283.

3.3 - Delimitação

Nesta fase de estudo, é muito pertinente conhecer o contexto previamente, o que se encontra antes e depois da perícopes de (Lc 13,10-17). Portanto o que vem antes é “A parábola da figueira estéril” que diz o seguinte: “Um homem tinha uma figueira plantada em sua vinha. Veio a ela procurar frutos, mas não encontrou. Então disse ao vinhateiro: ‘Há três anos que venho buscar frutos nesta figueira e não encontro. Corta-a; por que há de tornar a terra infrutífera?’ Ele, porém, respondeu: ‘Senhor, deixa-a ainda este ano para que cave ao redor e coloque adubo. Depois, talvez, dê frutos ...caso contrário, tu a cortarás (Lc 13, 6-9).

O texto que antecede a perícopel¹¹ de (Lc 13,10-17) é uma parábola (Lc 13, 6-9). Trata-se da parábola da figueira estéril. A parábola narra um que certo homem foi procurar frutos na figueira de suas terras. Reclamou do tempo longo de espera e não encontrou frutos. Ele foi radical, propôs cortá-la. O vinhateiro respondeu para o homem: “Senhor, deixa-a ainda este ano para que cave ao redor e coloque adubo. Ele porém respondeu: Depois, talvez, dê frutos... caso contrário, tu a cortarás”. A narração de Lucas (13,10) muda de cenário repentinamente, de ambiente de campo, plantio e passa para uma sinagoga. Ambos os textos falam da situação de interrupção da vida. A esterilização da figueira em gênero literário de parábola e o relato da cura da mulher encurvada muda à linguagem para uma narração.

Lucas é cuidadoso no relato de cada passagem bíblica. A paciência era a atitude proposta na parábola. Era preciso esperar até que a figueira tivesse condições de dar frutos. Para se chegar à maturação, a figueira precisava de mais tempo para produzir frutos e era necessário cuidado. Jesus também fez a reflexão com o povo da sinagoga, dizendo que a mulher estava doente fazia muito tempo.

A situação geral provoca uma espécie de indignação em Jesus que toma a iniciativa de solucionar as dificuldades. A sugestão do vinhateiro foi de cavar e cuidar por mais um ano e ficar na expectativa dos resultados. A mulher glorificou a Deus juntamente com a multidão, porque ficou curada no mesmo instante. Então, se pode perceber que o primeiro cenário prepara para o segundo de forma crescente. Deus age com benevolência à espera da maturidade e desenvolvimento de cada pessoa, conforme a necessidade. A finalização da perícopel (Lc 13, 17) é um exemplo da compreensão dos dois textos. A leitura da figueira estéril e da mulher encurvada produz um efeito tão completo e garante a continuidade. Cada versículo está interligado com a função da mensagem, para que todos possam ouvir e seguir.

O texto que segue em (13,18) é outra parábola, a do grão de mostarda (Lc 13,18-19), que mostra o crescimento do Reino de Deus. A alteração entre parábola e relato de milagre marca a delimitação. A cura da mulher encurvada está no contexto de ensinamento por parábolas, e sendo um sinal, confirma a autoridade do ensinamento de Jesus. Os sinais confirmam as palavras.

3.4 - Estrutura e unidade

¹¹ Perícopel é um termo grego que significa “cortar ao redor”, estudar separado. A parábola vem do termo grego - parable, que se estuda e significa “semelhanças”, “metáforas”.

A apresentação da perícopa feita por BOVON (2002: 476-477) propõe um resultado de várias discussões. Por exemplo, Hamm pensa que é um relato organicamente construído. J. B. Green ressalta o gênero do diálogo seguido de milagre. J. N. Aletti reconhece as palavras de Jesus (v. 15-16), considerando-as em uma passagem lógica de resultado seguida da discussão. Para visualizar melhor o esquema, BOVON propõe a seguinte sequência:

- Duração: 1. Abertura, situação de Jesus (v. 10)
2. Descrição da mulher (v. 11)
- Acontecimento: 3. Intervenção de Jesus (v.12-13a)
4. Ação de Deus (v. 13b)
- Duração: 5. Reação da mulher curada: elogio (v. 13c)
- Acontecimento: 6. Reação do chefe da Sinagoga (v. 14)
7. Nova intervenção de Jesus (v. 15-16)
- Duração: 8. Divisão do auditório, vergonha e alegria
- Conclusão: 9. (v. 17)

No segundo esquema, a sugestão está dividida em ações e reações conforme GEORGE (2009: 301) resumiu:

- Enfermidade: (v. 10-11)
- Misericórdia: (v. 12-13)
- Murmuração: (v. 14)
- Defesa magistral: (v. 15-16)
- Regozijo: (v. 17)

3.5 - Exegese

A análise exegética é uma contribuição que proporciona ao leitor o esclarecimento e compreensão de um texto. A escrita do texto tem fundamentação nas questões históricas, geográficas, culturais e nos costumes. O aprofundamento da análise possibilita respostas das indagações que surgem de uma primeira leitura. Em consideração ao que se lê, sempre há novidade, o assunto não se esgota. A cada nova leitura há possibilidades de descobertas que ampliam a compreensão geral do texto.

O verbo chave da perícopa de (Lc 13, 10-17) é encurvada ou seja “encurvar” que aparece logo no início (Lc 13, 11). O verbo em si indica ação, e, neste caso, o

fato de encurvar molda um arqueamento que não retorna ao estado anterior, ou seja, uma inflexão. No grego, o verbo encurvar é o mesmo que = κάμψη, peça chave, causa do estudo desta dissertação, 'a cura da mulher encurvada' = (έσκυψε πάνω) remete aprofundar a sua origem com mais precisão. As traduções apresentam variações na tradução de (Lc 13, 11). Assim: "... encurvada e incapaz de se endireitar." (Pastoral); "... encurvada sem modo algum poder endireitar." (João Ferreira); "... encurvada e totalmente incapaz de olhar para cima." (CNBB); "... recurvada e não podia de modo algum endireitar-se." (Jerusalém); "... ela estava toda curvada e não podia endireitar-se completamente." (TEB). Para maior compreensão será aprofundado o texto, com comentário versículo por versículo.

O texto é composto pelos personagens: Jesus, a mulher encurvada, o chefe da sinagoga e o povo. Eles acompanhavam as orações, observações das leis e mandamentos. O texto cita que havia uma multidão, conforme (Lc 13, 17), a narração evidencia e só Jesus, quem vê algo diferente em uma mulher. Muitas pessoas certamente viam aquela situação com conformidade, sem preocupação e possivelmente até pensassem "o problema não é meu". Para que se preocupar com pessoas impuras, pecadoras, deficientes e, além disso, uma mulher?

V10 – (Jesus) estava, pois ensinando em uma das sinagogas aos sábados.

Jesus era judeu e por isso participava da realidade cultural e religiosa de seu tempo. Ele se fazia presente em orações, instruções e leitura da Palavra em sinagogas, inclusive aos sábados. Há outras citações da presença de Jesus nas sinagogas dos judeus como em (Lc 4,15-16) "Ensinava em suas sinagogas e era glorificado por todos. Ele foi a Nazaré, onde fora criado, e, segundo seu costume, entrou em dia de sábado na sinagoga e levantou-se para fazer a leitura", do livro do profeta Isaías. Em outras passagens (Lc 4, 20), "Todos na sinagoga olhavam-no, atentos"; (Lc 4, 28), "Diante dessas palavras, todos na sinagoga se enfureceram"; (Lc 4, 33), "Encontrava-se na sinagoga um homem possesso de um espírito de demônio impuro, que se pôs a gritar fortemente: Ah! Que queres de nós, Jesus Nazareno? Vieste para arruinar-nos? Sei quem tu és: o Santo de Deus"; (Lc 4,38), "Saindo da sinagoga, entrou na casa de Simão". O evangelista acentua com grande

frequência a presença de Jesus em sinagogas. Jesus mostra o seu anúncio e sua ação da boa nova até nas curas em dia de sábado.

Em relação à perícopos em estudo, a frase começa com referências a Jesus que estava = ἦταν, verbo ser no pretérito imperfeito, indicativo de ação habitual, Ele já estava lá a ensinar, semelhante a um recorte de uma cena de pintura, em movimento. O segundo verbo logo na sequência é ensinando (διδάσκων = educando, instruindo). No momento de instrução, Jesus é o sujeito da ação do verbo no gerúndio. Ele prepara os ouvidos para a mensagem e facilita a adesão da notícia. O versículo (10) dez não relata o que Jesus ensinava. Mas, pela conclusão, se deduz uma proposta objetiva, legitimada, verdadeira para as pessoas de boa vontade, que ao ouvi-lo vão colocar em prática. Conforme (Mt 7, 29), “Jesus ensinava com autoridade e não como os escribas”. O texto diz que Jesus estava na Sinagoga. Para entender melhor o que significa uma sinagoga, Dicionário Enciclopédico (2013:1254) instrui o seguinte:

A sinagoga designa, num primeiro sentido, assembleias de oração, inspiradas pela leitura da Lei. A origem permanece ainda muito discutida; entretanto, existe um acordo em reconhecer que ela remonta longinquamente à pregação profética e que deve conhecer um início de organização no exílio em Babilônia. A sinagoga se caracteriza por uma casa de oração.

A sinagoga é, portanto o lugar, onde os judeus normalmente realizam a leitura e o estudo da Torá. A origem da sinagoga se deu por volta de 587 a.C. O Reino de Judá foi conquistado pelos Babilônios e sua população dispersa. O povo ficou sem o templo para suas assembleias e então se reuniam em casas para não perderem as suas raízes e tradições. Depois do exílio da Babilônia, eles voltaram e se desenvolveu o culto, uma prática de estudo da Torah fora do templo conquistado, devido à inexistência de um templo. A sinagoga passou a funcionar como um ponto de encontro dos judeus. Jesus estava em uma sinagoga em dia de sábado. O que significa o Sábado no AT? Como é formulada a lei do Sábado? Em (Ex 20,8-11), temos muitos elementos que também ajudam a entender por que a lei produziu conflitos de interpretação.

8 Que se faça o dia do sábado um memorial, considerando-o sagrado. 9 Trabalharás, durante seis dias, fazendo todo o teu trabalho, 10 mas o sétimo dia, é o Sábado do Senhor, teu Deus. Não farás trabalho algum, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teus

animais, nem o migrante que estás em tuas cidades, 11 Pois em seis dias fez o Senhor o céu e a terra, o mar e tudo o que eles contêm, mas no sétimo dia repousou. Eis por que o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou.

Portanto no Êxodo, Deus comunicou as orientações ao povo. Também deixou as bênçãos do sábado como memorial. A releitura do Novo Testamento indica o dia do sábado a serviço da vida, é uma lei aplicada conforme a situação das pessoas ou da comunidade. O dia de descanso é designado entre os judeus e alguns grupos de cristãos. O descanso do sábado também possui referências no Antigo Testamento, conforme as situações a frente. FABRIS & MAGGIONNI (2006: 35) comenta que o sábado, o último dia da semana em que Deus repousou “... é o dia da criação e da libertação” (Ex 20,11; Dt 5,15) era vivenciado com muitas observações, como realizar ou não certos tipos de trabalhos. BOVON (2002: 477) faz uma análise da sua gênese nos evangelhos com as seguintes citações:

Este texto homogêneo não possui um paralelo exato nos outros dois Evangelhos sinóticos. Mas com outros textos relacionados existem o mesmo problema no sábado, coletadas pelo próprio Lucas ou pelos outros evangelistas. Estes são os relatos do homem com a mão seca (6,6-11 paralelo). O hidrópico (14,1-5, sem paralelo) do grupo paralítico de Betsaida (Jo 5,1-23) e o cego de nascimento (Jo 9,1-17), bem como a disputa sobre as espigas arrancadas (6, 1-5 par). Embora a questão do lugar não tenha função, o respeito pelo tempo sagrado divide Jesus e seus correligionários, e depois aos primeiros cristãos e seus interlocutores judeus.

A citação anterior mostra Jesus atuante, ativo e participante nos momentos do povo. O sábado era para a oração e o encontro das pessoas, porque certamente durante a semana não havia momentos de encontros, reuniões, entre outros, pelo motivo do trabalho em lavouras, construções de casas, pescas e pastoreio de animais.

V11a - E eis que havia uma mulher possesa de um espírito de enfermidade há dezoito anos;

V11b - ela estava toda encurvada

V11c - e não podia endireitar-se completamente.

Primeiramente o desfecho do milagre foi em favor de uma mulher. BOVON (2002: 474) inicia a história de um incidente que provoca uma ação de surpresa, (καὶ ἰδοὺ= e eis que havia). A mulher era possesa de um espírito de enfermidade. O grego tem um particípio presente (ἔχουσα, “tendo, que tinha”). Indica uma duração imperfeita (estava totalmente encurvada). Ela estava doente, segundo era tempo de longa duração: havia dezoito anos. A doença foi atribuída ao espírito do mal e a enfermidade. Não é claro, pois ninguém sabia definir a origem de certas anomalias e atribuíam ao espírito. Assim a sogra de Pedro tinha um espírito febril, segundo a narrativa Lucana. Lucas disse que a “mulher estava possesa de um espírito que a tornava enferma”, portanto um espírito ruim, mas espírito aqui é algo real na carne, um negativo, que não produz vida, mas conduz à morte.

A mulher no meio da multidão parece estar sozinha. A presença feminina de uma enferma na sinagoga, deficiente e desacompanhada, não era bem vista naquela época.

Ainda BOVON (2002: 482) distingue a enfermidade e possessão entre os atos de cura e exorcismo em (Lc 13,11). O diagnóstico assinala a palavra “espírito”, e depois no versículo 16, Jesus adverte sobre as ataduras impostas por Satanás, “Esta filha de Abraão, que Satanás tinha ligado há dezoito anos, não era preciso desatá-la desse liame no dia de sábado?”

Jesus desata das ataduras de Satanás e integra a mulher mediante a imposição das mãos. A cura é a superação da enfermidade e resgate da Filha de Abraão. Então Lucas compartilha seu parecer, que as enfermidades provêm da esfera negativa do reino de Satanás.

FITZMEYER (1983: 532) afirma que a enfermidade é atribuída ao desempenho do espírito do mal. A cena é inserida diretamente com (καὶ ἰδοὺ), sem um verbo explícito. Para preencher essa lacuna, ele escreve: (literalmente: "ela estava com uma doença de espírito"); mas essa nova formulação muda o significado da frase e, conseqüentemente, da doença.

O verbo anakyptein = eles surgem, pode se referir a "aumentar a cabeça "ou" ficar em pé", "endireitar a espinha". A descrição desta doença é um dos principais argumentos de W. K. Hobart (The Medical Language of Yes. Luke, 20-22) para demonstrar que o autor desta narrativa evangélica era um profissional da medicina. Cf. Introdução geral, volume I, pp. 98-100. Para uma análise dos sintomas desta patologia, veja o estudo de J.

Wilkinson, The Case of the Bent Woman em Lucas 13: 10-17: EvQ 49 (1977) 195-205, onde a doença é definida como espondilite anquilopoiética, que produz uma solda da vértebra dorsal.

A citação de Fitzmeyer apresenta a descrição de Hobart a respeito dos sintomas de deformação em que a mulher se encontrava. Ela estava dobrada, curvada em seu próprio corpo, incapaz de olhar à frente nos olhos das pessoas, animais, natureza. A reflexão da mulher encurvada identifica uma posição física contínua, incapaz de flexionar. Porque a situação normal humana é expressiva, se pode curvar em sinal de respeito, de cumprimento. A palavra “curva” é radical com sentido positivo. O “encurvar” com o seu prefixo “en” opõe-se ao significado original, ou seja, se transforma em uma negação. Primeiro, a mulher ficou e continuou totalmente encurvada. A deformação se situava na parte superior da coluna vertebral e na altura da nuca. Segundo, o mal era irreparável e a posição curva, a deixou bloqueada e não conseguiu endireitar, ser flexível.

As injustiças que acontecem em várias situações, ou perdas, agressões podem se transformar em descargas muito fortes para muitas pessoas. E, com o tempo, na estrutura física humana pode provocar determinadas enfermidades. O texto não a respeito, se houve de fato algo associado a sua doença. A religião judaica atribuía a Satanás certas doenças, mas Jesus alude à prisão que vai acabar com sua prática. É preciso libertar os oprimidos (cf. Is 58,6) das amarras, das cargas que esmagam os fracos. Jesus, na sua prática, realiza a esperança messiânica da liberdade, da vida restaurada e da cura. No contexto lucano, a lei era algo que prendia o povo. O escrúpulo da observância do sábado parecia evidente, pois na palavra do chefe da sinagoga impedia a pessoa de fazer o bem, neste caso era libertar a mulher da enfermidade. Outra questão era a lei do puro e impuro, que também escravizava e se constituía num peso.

Para qualquer pessoa que fosse acometida por uma doença, ou deficiência era considerada impura e poderia contaminar as outras pessoas, na visão dos “puros” também ficavam impuras. Um espírito a tornava enferma e podiam ser contaminada. Isso era uma vergonha para todo que ali estavam. Aquela mulher sem nome e sozinha não deveria nem estar ali, em uma sinagoga, pela situação em que se encontrava.

Conforme BITENCOURT (1960: 149), o evangelho de Lucas apresenta quatro relatos onde os doentes apresentam sintomas mórbidos. “Os sintomas mórbidos são: o demoníaco de Gerasa (Lc 8, 27-29), o menino possesso (Lc 9, 38s), a mulher encurvada (Lc 13, 10-17), assim como o curativo de vinho e óleo praticado pelo bom samaritano (Lc 10,34)”.

V12a - Vendo-a, Jesus chamou-a

V12b - e disse: “Mulher, eis que estás liberta da tua enfermidade”.

Jesus fez pelo poder da palavra uma ação profunda em Deus, em favor da libertação daquela mulher que se encontrava oprimida. O poder da palavra resultou na libertação e cura: “Mulher, eis que estás liberta da tua enfermidade”. É uma mulher paradigmática. Ela provavelmente sonhava andar ereta, livre, mas aquela situação a impedia e era vergonhoso ter um corpo defeituoso. Ela era observada possivelmente pelas pessoas com olhares discriminatórios, acusação de pecados, impurezas e ainda era mulher. Jesus, pelo contrário, olhava com ternura e misericórdia.

No versículo 12a, há dois verbos “ver e chamar” que expressam atitudes de compaixão de Jesus em uma ação espontânea, que tocou internamente o sofrimento da mulher. Jesus sentiu e percebeu naquele momento a solidão, a humilhação, o peso, o desprezo sobre a mulher que estava ali. A apresentação física daquela mulher era o retrato de várias ausências da oportunidade de erguer-se, de falar, de agir e, no entanto, restava um olhar oculto, cabeça inclinada e silêncio. A impressão era de tanta carga que acobertava a voz, o nome, a identidade. Ela não pediu e nem exigiu nada de Jesus. A mulher simplesmente entrou na sinagoga. Certamente o melhor seria a mulher ficar do lado de fora (era mais importante que ali estivessem dez homens circuncidados, por se tratar de um lugar de oração que os privilegiava). Segundo BOVON (2002: 484), a narrativa de Lucas enfatizou a presença daquela mulher na sinagoga, “naquele momento já estava prevista a divisão”. A imagem era de pedido de ajuda, de socorro, necessidade de se libertar, desatar as amarras para viver livre.

Antes da cura, o texto não cita que alguém sinalizou, ou apresentou a situação. Jesus a olha e se torna o médico que cura para quem estava a dezoito

anos encurvada. Ele a chama para participar, estar no meio, igualar-se aos outros. A mulher passa a ser a participante na sinagoga. “Mulher, eis que estás liberta da tua enfermidade”. Os verbos ver e chamar mudam o estado de doença em cura, de mulher encurvada para uma mulher ereta, libertando-a do peso das faixas atadas, das leis e preceitos advindos das proibições legalistas.

FITZMEYER (1983: 532) realça a ação de Jesus que a chamou por “Mulher”. Jesus age sozinho, sem que ninguém o peça para intervir, para curar aquela mulher. BOVON (2002: 484-485):

‘destaca que a palavra “Mulher” que está no vocativo. O vocativo era uma corrente que expressava naquela época um modo respeitoso ao dirigir-se a mulher, e não implica nenhuma depreciação e nem tampouco uma condescendência’. Era como usar um vocativo, referindo-se a uma senhora, uma pessoa já conhecida e com nível social elevado.

“Mulher, eis que estás livre da sua enfermidade”, FITZMEYER (1983: 532) remete a Lucas que usa o (apolelyesai= estas liberta) passivo perfeito aqui, significa passivo teológico (foste libertada) (ver nota "exegética" para Lc 5,20 e 7,48¹²), expressa o efeito permanente de uma ação anterior.

V13 - E lhe impôs as mãos: imediatamente ela ficou ereta e glorificava Deus.

Para BOVON (2002: 485), a “fraqueza” da mulher, sua “enfermidade”, corresponde à força que ela tem acorrentada. O autor complementa dizendo:

Para que a fraqueza se torne força e servidão na libertação feliz, o poder de Deus deve intervir. Para expressar a irrupção desta força divina, que tornará essa libertação uma regeneração, Lucas indica uma imposição de mãos, ou seja, um gesto às vezes associado ao ministério da cura, como aqui e às vezes com o dom litúrgico do Espírito Santo. Nos olhos de Lucas, Jesus e depois dele, seus principais discípulos têm a força de Deus, que tira as vítimas das mãos de Satanás.

A possessão do mau espírito agride o corpo da mulher. Ela fica arqueada e não se move para os lados. Pelo toque das mãos, Jesus devolve a flexibilidade à mulher, ela se torna forte e sadia. Jesus manifesta a sua compaixão pelos sofredores, ele sente e sofre a dor da situação de cada pessoa. PAGOLA (2013: 202-203) descreve com muita propriedade a respeito:

¹²Lc 5,20 Vendo-lhes a fé, ele disse: “Homem, teus pecados estão perdoados”.
Lc7, 48 Em seguida, disse à mulher: “Teus pecados são perdoados”.

Na raiz desta força curadora e inspirando toda a sua atuação está sempre seu amor compassivo. Jesus sofre ao ver a enorme distância que há entre o sofrimento destes homens, mulheres e crianças mergulhados na enfermidade, e a vida que Deus quer para seus filhos e filhas. O que o move é seu amor aos que sofrem e sua vontade de que experimentem já em sua própria carne a misericórdia de Deus que os liberte do mal.

A imposição das mãos sobre a mulher foi um gesto nobre e medicinal, pois no mesmo instante ela se endireitou e passou a ser uma nova mulher. De uma pessoa encurvada para uma mulher curada. O benefício é grandioso, ela extrapola os limites do olhar ao chão, os pés e passa a enxergar os lados, à frente até o céu e glorifica a Deus, louva e agradece. Para BOVON (2002: 486), a mulher se encontra em estado de crescimento espiritual e atribui espontaneamente a sua cura no Deus de Israel, sua fé judia é também cristã, já é reconhecida do Pai na mediação do Filho.

V14a - O chefe da sinagoga, indignado porque Jesus curava no sábado, tomando a palavra dizia à multidão:

V14b - “São seis dias nos quais se deve trabalhar”.

V14c - “É, pois nesses dias que deveis vir para vos fazer curar, e não no dia de sábado”.

Nesta citação há uma disputa de poder por parte do chefe em relação a Jesus. O chefe da sinagoga manifesta indignação contra Jesus em forma de moralização pelo dia do sábado. A manifestação do chefe vai mais além do sábado: “há seis dias para trabalhar”. Não venham em dia de sábado. Por que tanta indignação? O chefe da sinagoga é um homem preso pelas leis judaicas. Ele estava ali na sinagoga sem doença, enfermidade e problema, preocupado apenas com as leis. No entanto estava sofrendo mais pela liberdade da mulher curada. Satanás não perde tempo, acaba de perder uma vítima e vai à busca de outra, ou seja, o ser humano deve estar sempre em vigilância. A indignação do chefe da sinagoga prova que ele estava mais aprisionado na mentalidade legalista, do que a mulher que vivia fisicamente presa. Ele viu o milagre à sua frente e não conseguiu enxergar o poder de Jesus naquele instante.

A referência está ligada ao decálogo (Ex 20,9; Dt 5,13)¹³. A análise do chefe é um aviso que ali está alguém invertendo as ordens das coisas e para o povo ficar atento ao tipo de trabalho que Jesus estava fazendo. Para FITZMEYER (1983: 533), “a observação do “chefe da sinagoga”, dirigida ao “povo”, não é apenas uma crítica ao desempenho de Jesus “no sábado”, mas também um aviso sobre esse tipo de indivíduo”. O aviso do chefe para o povo em forma de advertência era na verdade um recado para Jesus.

Antes do chefe da sinagoga em (Lc 13, 10-17), havia outro chefe que acreditava em Jesus e foi pedir ajuda para salvar sua filha. E de fato ela foi salva da morte. Pois há uma descrição de um homem chamado Jairo em (Lc 8, 49), citado assim: Ele ainda falava, quando chegou alguém da casa do chefe da sinagoga e lhe disse: “Tua filha morreu, não perturbes mais o Mestre”. No entendimento é que o chefe estava com Jesus. Da casa do chefe chega alguém para avisar sobre a menina que estava doente. O aviso é direto e incisivo. Ele concluiu que não tinha mais nada a fazer pela menina. (Lc 8, 49) “Tua filha morreu; não perturbes mais o Mestre”. Jesus dá a entender que a cura não tem limites, “crê somente, e ela será salva”. O texto quer mostrar aqui um forte controle e limites do chefe e seus convivas sobre Jesus. Para a cura acontecer, bastava crer somente.

O chefe da sinagoga era especialista da lei. Jesus cumpre o projeto em favor das pessoas. Quem deve descansar primeiro é o próprio ser humano. Deus também descansou. O descanso neste caso é o alívio da dor, do sofrimento. O repouso resulta em avaliação mais atenta dos sinais, dos sentidos e até mesmo da revisão das leis. Jesus realizou o milagre para que também aquela mulher pudesse sair da prisão e descansar.

Os adversários não acompanharam a ação de Deus na linha histórica da libertação do povo. Deus caminhou a ponto de enviar seu próprio Filho para libertar da cegueira, da esclerose, do tradicionalismo mecânico e inflexível. Esta inflexibilidade impede de enxergar e sensibilizar o sofrimento do outro. É evidente que a repreensão realizada pelo chefe da sinagoga é um manifesto para desagregar e colocar Jesus diante de todo povo para desmoralizá-Lo.

¹³Ex 20,9 - Trabalharás durante seis dias, e farás toda a tua obra. Deut 5,13-Ibidem

O chefe da Sinagoga que nasceu e cresceu na cultura das leis judaicas foi condicionado a não aceitar alguém com a atitude de Jesus. A atitude de Jesus era um vexame diante da comunidade judaica. Para o chefe da sinagoga, a cura da cura foi uma afronta, incômodo, abalo do poder, num dia proibido. Com o poder abalado, manifestou argumentos para Jesus não curar em dia de sábado. E que Jesus fosse desmoralizado na frente de todos. Na mente do chefe, entende-se que para realizar qualquer coisa, ou seja, até mesmo curar alguém, deve-se ter permissão dele. Mesmo depois da cura da mulher, ele não fora curado de suas incompreensões e liderança inflexível.

PERONDI (2012: 109) justifica a numerologia bíblica que “Jesus curou no sétimo dia, número perfeito, indica o máximo de perfeição” e a cura foi completa. BOVON (2002: 487) reflete que a atitude de cólera que se acredita ser legítima, ou seja, atitude de julgamento e condenação moral é o motivo da irritação. A cura em dia de sábado era trabalho e afronta à lei judaica, motivos para condenar a Jesus.

No contexto desta citação, “É, pois nesses dias que deveis vir para vos fazer curar, e não no dia de sábado”, é um discurso moralista que induz o povo a pensar ser uma afronta à lei. Jesus internamente percebe a murmuração contra Ele, feita pelo chefe. No entanto após a fala do chefe, não há citação de que o povo se manifesta. Há um silêncio entre a fala de um e de outro. A resposta de Jesus foi uma pergunta reflexiva do dia a dia sem o direito de réplica, ou seja, uma pergunta que não exige mais resposta.

V15 - O Senhor Ihe respondeu e disse: Hipócritas, cada um de vós no sábado não desata o seu boi ou o asno da manjedoura, para levá-lo, a beber?

A hipocrisia é prática de alguns líderes que mostram um “falso comportamento, autoriza um caso e se nega em outro” BOVON (2002: 489). A pessoa hipócrita é alguém que age no lugar de outra, portanto não confiável. É uma atitude pessoal que finge ser o que não é (Lc 13,15). Jesus nomeou no meio da multidão alguns que agiam de forma distorcida. “hypocritai - no plural é dirigido à assembleia, como em (Lc 12, 56); (Lc 6,42; 12.1)” FITZMEYER II (1986: 534). A crítica vem de uma única pessoa (é o que Lucas narra) e Jesus disse no plural: “Hipócritas”. A multidão rodeava Jesus, mas o texto induz a pensar que havia mais

peças aliadas ao chefe da sinagoga. No Evangelho de Mateus, Jesus usa a palavra hipócrita mais de quatro vezes; em Marcos, usa apenas uma vez. Lucas registrou quatro vezes a palavra hipócrita (6,42; 12,1; 12,56; e 13,15). Nesta linha de pensamento sinótica, percebem-se os reflexos cada vez maiores de líderes resistentes a Jesus.

Jesus em muitas vezes nos textos bíblicos, de forma didática e reflexiva devolve as respostas com perguntas. E neste caso, o chefe afirmou como resposta ao gesto de Jesus. E mais uma vez com defesa magistral, Jesus fez a reflexão resposta começando pelos animais, até a Filha de Abraão que sentia sede de liberdade.

O emissário logo decide em duas situações: primeira, “concorda” e segunda, devolve afirmando ou questionando. O argumento de Jesus foi tão preciso que não restou ao chefe mais nada a responder, a não ser silenciar e ter vergonha. Os animais destacados eram soltos para irem beber água, descansar, estarem livres.

V16a - Esta filha de Abraão, que Satanás tinha ligado há dezoito anos,

V16b - não era preciso desatá-la desse liame no dia de sábado?

O apelativo “filha de Abraão” lembrada por Jesus significa que a mulher é membro do povo de Deus, pois “Abraão é Pai de uma multidão”¹⁴, inclusive daquela mulher que pertence ao povo escolhido, conforme FITZMEYER (1983:534).

A mulher curada ficou livre de preconceitos, de humilhação e de opressão. Ela acreditou como filha do Pai da fé, Abraão. Jesus a chamou primeiramente de “Mulher” para assumir a libertação. E no segundo momento como Filha de Abraão, como herdeira do Reino de Deus. A ação foi tão simples, rápida e surpreendeu os adversários, que mais uma vez ficaram envergonhados. O efeito curativo e real da graça de Deus agindo no presente, naquela mulher. O chefe estava murmurando no presente às coisas do passado. GEORGE (2009:301) acrescenta “quem se atreveria a contrariar o raciocínio lógico do Senhor, sua maravilhosa interpretação da Lei de Deus?” Aquela mulher também podia beber a abundância da vida, o prazer de viver saudável sem a prisão do arqueamento da coluna. Jesus liberta a mulher da enfermidade no contexto sinagoga sabático, no embate com seu parceiro de

¹⁴ Dicionário Enciclopédico da Bíblia sobre Abraão.

discussão. A argumentação da herança bíblica que ambos (sumo sacerdote e Jesus) tinham em comum. Jesus a chama “filha de Abraão” (tygatéra Abraám), algo único nos evangelhos, mas que, em algumas traduções, aparece como “descendente de Abraão”, o que lhe tira o direito de descendência do contexto conflitivo, segundo o Dicionário Enciclopédico da Bíblia (2013: 50). Geralmente nos textos bíblicos só se fala de “filhos de Deus” e Jesus disse “Esta filha de Abraão” com o jeito lucano de abordar o feminino! No versículo 16, Jesus disse que Satanás prendeu essa mulher há 18 anos. A enfermidade é comparada a uma prisão (v 11). Lucas, que era um médico, menciona as características. Em outras palavras, ela não tinha simplesmente o que nós conhecemos hoje como um caso grave de cifose, uma condição de saúde documentada. Esse era um problema físico e espiritual. Satanás a prendeu de tal forma que ela caminhava com dificuldade todos os dias como se tivesse acorrentada por ele. Por isso Jesus faz a comparação de soltar os animais para beber água. FITZMEYER (1983: 534 a 535):

A imagem doméstica do animal sujeita à manjedoura é transposta para a situação de mulheres com todas as suas forças de degradação, servidão e incapacidade orgânica. O verbo dein ("amarrar") no ariosto (edésen = "Amarrado") embora na epígrafe o traduzamos perfeitamente para expressar duração. Não teve que ser libertada de seus laços ...?

Jesus tem o prazer de fazer o milagre na vida de cada ser humano que está preso às doenças físicas, mentais, injustas e ameaças. Quando os oprimidos estão sobrecarregados com a prisão das injustiças, opressões e pedem a ajuda de Deus em confiança, são ouvidos. Jesus realiza a cura, ou seja, liberta a mulher dos seus sofrimentos. (Lv 26, 13) “quebrei os timões do vosso jugo, e vos fiz andar eretos”. Ele foi preso não por Ele. O Deus de Abraão em Jesus deseja que os homens e mulheres sejam livres, (Jo 18:8-12).

V17a - E dizendo estas palavras, todos os seus adversários ficaram cobertos de vergonha,

V17b - e toda a multidão se alegrava de todas as maravilhas que por ele se realizavam.

Com a argumentação cuidadosa feita por Jesus, a multidão exaltou o feito, que transformou a vida daquela mulher. O chefe da sinagoga demonstrava-se contrariado não por causa da mulher em si, mas porque Jesus fez a cura. Ele era o

chefe que ensinava, pregava e orava, mas estava ali com vergonha de sua atitude repressora. A religião fundamentalista cegou os seus olhos e ele não pôde entender o amor de Deus que estava naquele lugar.

Antes de Jesus falar na sinagoga, o chefe falava, ensinava e certamente causava admiração para quem o ouvia. Quando Jesus falou e ensinou foi em nome de Deus Pai, as suas palavras eram unidas para curar e libertar não somente pela boca, mas com gestos, o olhar, imposição das mãos e amor. O amor cura e liberta as pessoas. Na perspectiva da libertação, MORRIS (1996: 211) conclui esta grande verdade sobre os adversários e a opinião pública:

O efeito foi duplo. Todos os adversários de Jesus se envergonhavam, e o povo se alegrava (os tempos verbais são contínuos). Evidentemente, a opinião pública estava do lado de Jesus. E o povo ficou impressionado, não somente por este milagre individualmente, mas, sim, por todos os gloriosos feitos que Jesus realizava.

A gratidão é a atitude mais louvável que o ser humano desenvolve na vida. A humanidade necessita da compreensão uns dos outros, pois cada um possui um dom que vem do próprio Deus. E este dom de curar estava livre e aberto em Jesus. A sinagoga foi o local escolhido para a graça de Deus agir. O médico Jesus e a paciente mulher ereta se fazia presente em gestos de alegria e gratidão. Porque Ele, “Jesus fez bem todas as coisas”.

3.6- Análise teológica

A compreensão e análise dos diálogos ajustados em forma coesiva tem objetivo de narrar o fato e esclarecer o seu significado. O texto mostra o olhar de Deus sobre as injustiças que o povo sofre. A libertação é o braço de Deus que sempre socorre os afligidos. Assim Deus por meio de seu Filho Jesus revela a relação de amor cuidadoso ao seu povo.

A cura da mulher encurvada foi devolução da dignidade. “Jesus fez bem todas as coisas”. Por isso também, maior foi à libertação, “a mulher glorificava a Deus e a multidão se alegrava de todas as maravilhas que por ele se realizavam”. A libertação realizada por Jesus nesta hora abrange toda espécie de sofrimentos. Esta libertação

de Jesus tem a sua força na Palavra: “Mulher, fica livre desta doença”. Deus é libertador.

É Jesus que liberta e faz o povo reconhecer o benefício realizado por Deus desde o início da criação. Nas narrativas de Lucas, evidenciam as duas forças: o bem e o mal. O milagre é uma manifestação do mistério do Senhor Deus como sinal do Salvador que vence o poder do mal. A cura demonstra na prática a mudança do ministério de Jesus, que revela o projeto de libertação. Antes de endireitar a coluna da mulher, o tempo foi longo e sofrido. Há várias formas de encurvar as pessoas, por exemplo, a injustiça, a desonestidade, a mentira, a hipocrisia, o medo, o fechamento, entre muitas outras atitudes negativas.

Os milagres de Jesus foram realizados pela presença e pela distância (servo do centurião), o homem Profeta e Salvador que tem a força da Palavra em seus lábios, que significa o Deus que visita e resgata seu povo. Estas ações tão bem envolventes no processo de restabelecimento da pessoa, que só pode mesmo ser de Deus. ARTUSO (2013: 16) refere que a misericórdia do Pai foi sempre o critério radical e que orientou o ensinamento e a prática de Jesus. “Não se entende Jesus, sem essa referência ao Pai”.

A salvação veio para todos. A oportunidade pertence ao mundo inteiro, portanto é a reflexão de HALE (1983: 93-94), quando disse: ‘conforme foi sugerido, o versículo chave seja (Lc 19, 10): Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido, exceto a situação da mulher não como pecadora, mas que necessitava da salvação, ou seja, de libertar-se da doença. "O que se entende aqui, até quem mais pecou, mas se arrependeu, pode ser salvo"’. Se para alguém que mais pecou, pode ser salvo, assim até a mulher doente poderia receber a salvação. As consequências do pecado podem ser uma forma de autoavaliação para o pecador desenvolver a empatia, se colocar no lugar do outro que sofreu os danos e a consciência diante de Deus. Neste sentido, o pecador perdoado é buscado pelo Filho de Deus, segundo HALE (1983: 94):

A palavra "Salvador" não aparece em nenhum dos Sinópticos, exceto em Lucas (1,47; 2,11). Da mesma maneira, o substantivo "salvação" e o adjetivo "salvo" são encontrados somente em Lucas, dos Sinópticos. Contudo, é para todas as pessoas. Dentro do terceiro Evangelho pode-se encontrar cada camada da sociedade: o rico, o pobre, o judeu e o gentio, o fariseu e o publicano, o nobre e o mendigo, o sacerdote e o samaritano. O cristianismo é uma religião universal.

Lucas desenvolveu no Evangelho a mensagem de salvação para cada pessoa em particular. No exemplo da mulher encurvada, percebe-se que a cura foi para libertar todas as mulheres que desejam a libertação, vida plena. Esta mesma cura se torna uma transição para todas as mulheres e homens que se encontram encurvados: pelo corpo, injustiça, opressão, ameaça, trabalho forçado, entre outros. Assim sucessivamente para todos os tipos de doenças, a salvação é uma nova oportunidade de testemunhar a ação de Deus no meio do seu povo. A mulher ereta e cheia de alegria festejou e louvou a Deus. A alegria refletiu por completo na sinagoga, porque “toda a multidão se alegrava”. Além disso, Lucas ao narrar sobre curas e milagres quer realizar o “anúncio que o Deus de Jesus prega, liberta as pessoas que estão aprisionadas pela morte” KARRIS (2011: 258), ou seja, também pela dor, pelo sofrimento.

O cenário da sinagoga se evidencia uma atitude sensível de Jesus, pois Ele vê além da multidão, a pessoa. Ele empatizou com a necessidade humana no meio da multidão, pois não é fácil ver separadamente, por causa da massificação. A situação chamou a atenção dos olhos de Jesus. O jeito que a mulher apareceu, as suas dificuldades para enxergar, caminhar, a posição desconfortável do corpo mexeu no coração de Jesus. No interior da sensibilidade de Jesus, nasceu o sentimento da misericórdia profunda, a ponto de deixar de “ensinar” como o texto diz no início da perícopa. O texto não diz como Jesus ficou ou pensou, mas a viu e se aproximou dela com empatia e sentia as necessidades palpitantes no coração daquela mulher. A empatia é a participação plena de Jesus no lugar da mulher. Portanto Ele sente e sofre junto, a dor, a vergonha, o incômodo, tão logo que a vê. Jesus revela o mesmo Deus que manifesta o socorro do povo escravizado no Egito em (Ex 3,7), diz: “Eu vi, eu ouvi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias”. Jesus reatualiza a teologia do Êxodo.

4 - HERMENÊUTICA: ESTABELER RELAÇÕES LIBERTADORAS

A cura da coluna se estende ao corpo inteiro, pois este sofre em função do peso das injustiças, da opressão e da humilhação. Em sua onipotência, Deus caminha com os vulneráveis, fragilizados, descartáveis e pobres que querem alcançar a presença da luz. No meio deste povo sofrido e injustiçado também estavam presentes as mulheres, que certamente cuidavam dos filhos e auxiliavam seus maridos no dia a dia, com muita força e vontade de vencer na luta dos sofrimentos. Além dos sofrimentos, as mulheres eram marginalizadas de várias formas: por ser mulher, por ser doente, sem autonomia, por ser tratada como passiva entre outras situações.

A perícopes de (Lc 13,10-17) evidencia o desconforto físico e faz emergir sinais em alguém que precisa de cura. A ação de libertação é uma atitude que move o ser humano ao extremo do peso da escravidão e da incompreensão. Quem recebe o benefício festeja, sorri, anuncia para os outros e agradece. Os beneficiados se tornam abertos para a vida e se dispõem a ajudar os outros. A relação de ajuda aos necessitados desencadeia o novo, a descoberta, a transformação, a vida plena. Assim também, a essência da Palavra cai no interior com mais profundidade, o que Deus quer expressar nas entrelinhas do texto e na vida do povo.

4.1 - Resgatar a vida e a dignidade

Jesus curou uma mulher pela sua disposição interior e a fez enxergar o presente, à frente, o mundo a sua volta, um despertar para um novo horizonte de possibilidades. Para defender a vida, libertar outras mulheres encurvadas é importante promover a reflexão grupal, em assessorias, setor empresarial, educacional, associações de bairros, pastorais e movimentos entre outros. Que o olhar do ser humano possa crescer além da visão dos cuidados pessoais e além-fronteiras. O olhar de Jesus deu a oportunidade para a mulher encurvada crescer na fé e na descoberta da vontade de Deus. Jesus deu o primeiro passo ao resgatar a mulher encurvada com a dinâmica do encontro. O espaço de libertação desta perícopes foi à sinagoga. O lugar físico não importa, o que é precioso aos olhos de Deus, é a capacidade de deixá-Lo entrar no centro da vida. PAGOLA (2013: 388)

reflete que “Jesus capta Deus no meio da vida e o capta como presença acolhedora para os excluídos, como força de cura para os enfermos, como perdão gratuito para os culpados, como esperança para os esmagados pela vida”. A conscientização é fundamental, Deus enviou o seu Filho para todos os doentes, os machucados, os injustiçados. As pessoas em geral assumem muitos pesos de incompreensões, maus tratos, ameaças, medo de enfrentar, por isso gera consequências e se tornam doentes, atrofiados, encurvados, aleijadas com sinais visíveis e dignas de compaixão.

Na atualidade há os meios de comunicação muito eficiente, que podem colaborar na perspectiva de solidariedade aos mais necessitados com conscientização e orientação. Daí a necessidade de campanhas nas mídias tais como: rádio, televisão, internet, jornal, telefone, para conscientizar e denunciar os maus tratos, repressão e todas as formas de violência e sinalizar o amor, o diálogo, a educação, o respeito entre outros.

O peso das injustiças, do dominador sobre o dominado, do explorador sobre o explorado, do opressor sobre o oprimido, sempre cai no mais fraco, no pobre e vulnerável. As cicatrizes deixam nas pessoas marcas no corpo e no espírito que podem ser curadas, mas que falam e gritam o clamor por justiça.

Quando se transformar o peso da opressão em leveza do olhar, da palavra, do sorriso, do diálogo, da solidariedade e partilha dos dons, começa a promoção da vida e a libertação. A possibilidade de uma relação horizontal, circular, do sentir e olhar a necessidade de cada um, integra a mulher e o homem em toda a sociedade. A relação familiar e comunitária é uma grande possibilidade de promover esta atitude libertadora. Uma mãe e/ou um pai, por exemplo, que dialoga com os seus filhos transmitem segurança, determinação, autodomínio. Por que ao deparar com uma situação problema, os filhos buscam a proteção e o afeto dos pais para resolução de seus problemas. Assim, aquela mulher que antes estava só, foi corajosa, deixou ser vista diante da indiferença e crítica dos outros, com determinação e foi a sinagoga. E hoje? Faz-se necessário refletir e buscar as soluções, propor alternativas libertadoras de paz para com aqueles que pensam e comportam diferentes ou são vítimas do sistema opressor.

Ao olhar por outra vertente, a mulher encurvada foi proativa, resolveu fazer a diferença por uma força interior que impulsionou a si desinstalar e sair da zona de

conforto de vítima e ser protagonista das suas próprias escolhas a ponto de se superar e ser exemplo para toda a humanidade.

A motivação de ir a sinagoga era um preceito para todos. Todos tinham em comum o cumprimento do mandamento e da lei, assim, a mulher encurvada tinha talvez algo interior, desejo, gratidão e pedido a Deus. Ela tinha plena convicção que o seu restabelecimento físico e espiritual estava na confiança à graça divina. O desejo de participar indo para a sinagoga demonstrava uma predisposição de buscar algo melhor para si, pois certamente havia um desconforto de ficar em casa. Ela sentiu a necessidade de mover-se, de agir, quem sabe encontrar a solução de seu problema. A sua doença se caracterizava em uma situação de estagnação. Entende-se que ela desestagnou rompendo com todos os paradigmas de sua época. Jesus curou a outros, e pode ser que ela soube, ficou atenta, confiante e passou a buscar mais a oportunidade de encontrá-Lo. Antes de chegar à sinagoga, pode ser que a mulher teve a intuição, o encorajamento de alguém e arriscou ir ao encontro de Jesus. Ela assumiu publicamente a sua deficiência. Na atualidade, os lares e comunidades estão mais atentos em alguns aspectos, por exemplo, em bem estar e qualidade de vida, alimentação, sono, incentivos para participar de atividades físicas e espirituais. A criação e fortalecimento de vínculos de convivência geram sempre mais vida nova e cura para o ser humano.

A dignidade era buscar reconquistar o que havia perdido há tanto tempo, ou seja, dezoito anos doente sem qualidade de vida. A solução não era ficar em casa, esperando, depressiva e entregue a lei da punição. O fato de ir à sinagoga espaço sagrado, comunitário naquele dia foi justamente receber a grande novidade: o resgate da vida. O novo de Jesus para aquela mulher foi viver sem dor, confortavelmente ereta, com alegria e gratidão pelos feitos do Senhor libertador, a sua reintegração e inclusão social e espiritual. Também no cotidiano, se podem perceber milagres na vida, a necessidade faz o ser humano acreditar que tudo é possível para quem crê.

4.2 - O cuidado com os excluídos que estão "no meio da sinagoga"

Jesus realizou um grande plano para chegar a amada Jerusalém (cf. Lc 9, 51). O plano da viagem é o caminho de vários cenários, situações, milagres, curas e

esperança de serem ouvidos. O povo que estava à margem da vida foi lembrado por Jesus. Hoje também há muitos que são esquecidos, negados e ameaçados de circular no meio de determinadas sinagogas. As sinagogas podem estar alinhadas as grandes empresas, comércios, indústrias, repartições públicas, hospitais, shoppings, escolas, inclusive a Igreja, institutos religiosos e espaços sagrados, que às vezes oprimem, ridicularizam, subestimam as pessoas. Segundo a expressão de VITORIO (2012: 371) “O peso da estrutura social encurva as pessoas”.

“Jesus é o mesmo de ontem e hoje e sempre”, com o seu exemplo ensinou as gerações o poder da compaixão e da misericórdia. Ele continua o mesmo Salvador para muitas pessoas que buscam a cura e o alento na doença, na dificuldade, na pobreza. Nos centros de acesso aos benefícios exigem-se muitas burocracias, inúmeros controles. Há muitos “nãos”, que impede de ficarem no meio das sinagogas, espaços sagrados com a possibilidade de permitir a promoção da vida.

O controle e monitoramento são desiguais e injustos, os pobres e os descartados de uma sociedade líquida, em que a criança, o idoso, o doente e o deficiente sofrem com as maiores sequelas e consequências. Por considerá-los improdutivos, embora são vítimas da exploração e do consumismo. Quando se reporta para as mulheres, às vezes se torna mais pesado ainda. Um exemplo bem típico da realidade política é: a própria mulher perde força e apoio de outras mulheres. O fato de não dá crédito faz perder inúmeras oportunidades de se emanciparem. A desigualdade normalmente pode influenciar uma pessoa a oprimir outras, pelo poder econômico, político e social. É pertinente analisar as situações, que a mulher também pode oprimir outras. É evidente que ela sofre opressão por parte da família: pais, irmãos, maridos, filhos ou por qualquer outra subordinação tradicional e cultural. Esta situação é muito presente em empresas, associações, espaços sagrados hierarquicamente constituídos. Um exemplo dessa natureza aconteceu em certa instituição educativa: num determinado setor de trabalho, onde havia algumas funcionárias dos serviços gerais, no mesmo nível de cargo. Uma das mulheres do grupo ficou furiosa, porque uma colega havia faltado naquele dia. E procurou imediatamente à diretora da instituição para reclamar a falta da colega. E a diretora responsável pelo setor, a ouviu pacientemente. E no final da fala a funcionária disse: “a senhora tem que dar um jeito nesta colega; tem que mandar ir embora ou repreendê-la rigidamente”. A funcionária reclamava por causa da

sobrecarga daquele dia. Então, a diretora sabiamente respondeu: “E se esta situação acontecesse com você?”, “Você gostaria de receber um tratamento na ausência de sua colega, desta forma que você está dizendo?” A funcionária respondeu: “Não”. Sabe-se que há leis para defender os direitos de cada ser humano, independente disto, a agressão em qualquer situação se torna um peso e opressão. Após as perguntas da diretora, aquela funcionária foi acalmando, abaixando a cabeça e reconheceu a sua incapacidade de compreender a própria colega. A ausência ao trabalho pode acontecer por causa de uma doença, acidente, perdas de entes queridos, problemas familiares, ou entre outros. Não se pode resolver de uma forma precipitada as situações sem avisos, comunicados, lembretes, ou advertências. Mais tarde, a colega enviou o atestado médico de aviso, que estava doente. E para aquela mulher/doente estar no meio da sinagoga, era preciso um bom e cuidadoso repouso para ser curada. Haja vista que no Brasil a leis que regulariza vagas para os cargos eletivos públicos, candidata para vereadora, prefeita, deputada, governadora e presidenta. As mulheres que se arriscam neste areópago das repartições públicas não podem contar com o respaldo e apoio do gênero feminino, mesmo sendo a maioria populacional conforme pesquisa do IBGE¹⁵.

Pelas lutas de libertação reivindicadas no passado se percebe que a mulher ainda busca consolidar o seu espaço entre os pares. Em toda trajetória histórica houve mulheres heroínas, abnegadas que se indignavam com a situação de vivência de opressão. A partir dos anos 50, a mulher despertou pela sua autonomia e identidade. No entanto, o comportamento tem reflexos negativos do passado pela imposição e opressão a mulher. Ao passo que se espera, é que as mulheres possam juntas encontrar o lugar e a dignidade de serem protagonista da libertação feminina. Este mesmo comportamento não se esgota. Jesus endireitou a mulher fazendo-a sentir, despertar, reabilitar, enxergar, ver o futuro a sua volta, com as lentes da esperança em libertação pela compaixão e misericórdia.

A opressão é ação adversária, pois tira o direito do outro de ser livre. É, portanto contra Deus que cria e recria mulheres e homens livres. Há também a força do mal, que no caso da pesquisa é atribuído a satanás. Satanás age de forma sutil no dia a dia, para tirar o ser humano da presença de Deus. Então, satanás vive

¹⁵ IBGE <<https://teen.ibge.gov.br/sobre-o-brasil/populacao/quantidade-de-homens-e-mulheres.html>> acessada em 05/02/2018. 51,48% por mulheres em 2015.

buscando oportunidades para derrotar, com uma fragilidade, uma fraqueza, um pecado para colocar a vítima marginalizada e não no meio da sinagoga. O fato de estar na presença de Jesus, o ser humano é amparado, não importa onde esteja. Segundo VITÓRIO (2012: 371) “A religião dentro da sinagoga sem Jesus, também mantinha a mulher encurvada”.

A mulher encurvada não podia ser livre para andar ereta, sentar de forma normal, dormir de maneira confortável, abraçar e ser abraçada por alguém, correr, pular, sentar a mesa, entre muitas outras situações. Jesus viu com sensibilidade a vida da mulher. Ele a considerou como um pai trata o filho, chamando-a de “Filha de Abraão”, também igual à filha de Deus. E mais tarde o próprio Jesus morreria por ela também. Por isso, tamanha participação de Jesus na vida de muitas mulheres com o intuito de libertá-las das amarras de satanás.

A participação e integração da mulher e do homem são pertinentes em toda a sociedade. O homem e a mulher colaboram juntos desde o início da criação e a vida presente entrelaça com a solidariedade de cada um. Entretanto, é necessário conhecer as possibilidades e os limites que decorrem a condição feminina, em vista de uma participação efetiva e libertadora. Quando Jesus vai à casa de Marta e Maria, PAGOLA (2013: 263) conclui que “a grandeza e dignidade da mulher, da mesma forma que a do varão, parte de sua capacidade de ouvir a mensagem do Reino de Deus e entrar nele”. E quem pode nos colocar de novo no centro, no meio, é o Senhor da vida, que cura e salva! Basta ser sóbrio e vigilante!

4.3 - As mulheres doentes e "encurvadas" de nosso tempo

Há muitas mulheres encurvadas do nosso tempo na sociedade. Algumas mulheres andam encurvadas, ou seja, doentes pela, falta de liberdade, frieza familiar, peso do trabalho, escravas das injustiças e do pecado. A doença não permite ver as coisas, outras pessoas, ser livre, porque fecha em si mesmo, só permite olhar o chão. Antes de tudo, a pessoa começa a pensar diante de uma dificuldade que não conseguirá mais o que deseja. O que se deseja, significa batalha pesada, fora do alcance. Além de estar fora, não olha para os lados, se silencia e perde o sentido da vida.

Muitos exemplos caracterizam as pessoas encurvadas: as crianças órfãs, sem lar. Os jovens sem apoio da família, opções de estudo e trabalho. Os casais desintegrados pelas tensões econômicas, afetivas e emocionais. Os idosos isolados e doentes sem assistência médica e os cuidados em todos os sentidos. A solidão de alguns aposentados que assumem as responsabilidades de criar os netos com seu mísero salário. Pelas exigências cobradas exageradamente em atividades de qualquer circunstância sem momentos de lazer e descanso. A atitude rígida e controladora tanta para a infância e a juventude podem se transformar em algumas doenças físicas. Também a exclusão contra a raça e a cor pode ser motivo para abalar a autoestima e o sentido da vida.

Há muitas pessoas tanto homens e mulheres encurvados com o peso do medo, da culpa, da ameaça, da opressão, que interfere na qualidade da saúde diária. O cotidiano destas pessoas perpassam os diversos sintomas no corpo como: pressão alta, diabete, câncer, ansiedade e outras. Nas relações interpessoais podem determinar distúrbios, surtos, agressividades, intolerância e isolamento.

O olhar encurvado é limitado pelo o campo de visão, ou seja, é reduzido, não permite ampliar o diferente, o novo. Com a redução da visão, a pessoa só olha os problemas, as dificuldades, as lutas e as dores. Os sintomas de sofrimento não permite a pessoa enxergar novas possibilidades de ver o novo que desponta. O fechamento em si reflete no corpo de forma física, por exemplo, se torna arqueado, ombros caídos, faces melancólicas, entre outras manifestações. A falta de perdão também pode atingir em raízes profundas de sofrimento ao longo de muitos anos. A enfermidade da falta de perdão é uma das piores doenças que atinge o coração humano. Por que quem sofre dessa enfermidade pensa que o tempo vai resolver tudo. Quanto mais longo o tempo de enfermidade, aumenta o fechamento, a tristeza, a vergonha nas pessoas em geral.

O importante é acreditar na força da Palavra de Jesus, ao qual deu a sua própria vida para que nenhuma enfermidade espiritual danifique o corpo. Jesus libertador nos dá a oportunidade sempre de aproximar e sentir o Senhor que cura sempre. VITÓRIO (2012: 731) reafirma “A capacidade de olhar para cima, fruto do milagre realizado por Jesus, correspondeu à superação dos preconceitos sociais e religiosos”.

4.4 - Com Jesus na contramão e em defesa da vida

Jesus convive com os marginalizados, luta pela libertação e promoção da vida. Todos tem um lugar no coração do Salvador Jesus. Jesus acolhia com amor os que eram excluídos pelo governo e a religião. A exclusão, por outro lado, produz muitos encurvados na sociedade contrários ao projeto de Jesus. Segundo ARTUSO (2013:12) “Tudo o que é contra o projeto de Jesus, de vida e liberdade para todos, é obra do mal”. Esta mesma sociedade, é o chão comum até a atualidade, onde Deus está presente. Jesus ajudou muitos homens e mulheres de seu tempo a entender e sentir Deus, por meio da Palavra. A palavra de Deus é graça ontem, hoje e sempre, mesmo diante de um governo injusto e líderes religiosos controladores do povo. A opressão provocou no povo uma atenção mais cuidadosa de observância das atitudes de Jesus. MESTERS (1995: 101) “A atitude livre, liberta e libertadora de Jesus contaminava os discípulos e os confirmava a transgredir normas caducas”. Isto quer dizer que para o povo “contaminado” por Jesus, se tornam livre e transgressor das normas. A liberdade é uma ação que gera vida, sai da tradição e do controle. Não se pode dizer que Jesus mudou a tradição de seu povo, mas a restaurou em sua origem, do verdadeiro sentido de libertação e dos possíveis bloqueios. A novidade para muitos trazem desestabilização e desequilíbrio do controle que sustentava o sistema político do governo da época. Por isso, o mal está contra o Jesus, por parte dos que controla o sistema.

Jesus dizia palavras de forma livre, rica de compreensão em defesa dos pobres. Porém os poderosos não entendiam, porque eram sufocados/encurvados pelo egoísmo e a ambição da posse de muitos bens que exigia controle, ameaça e perda. MESTERS (1995: 91) comenta que:

É com esta prática em favor da vida, que Jesus se apresenta ao povo de sua terra, anda pela Galileia e anuncia a Boa Notícia do Reino. É nestes gestos de solidariedade, que ele se revela Emanuel, Deus-conosco (Mt 1,23), e se torna, ele mesmo, uma Boa Notícia para o povo, sobretudo para os pobres e excluídos. É por causa desta Boa Notícia do Reino que Jesus entrou em conflito, tanto com a religião oficial da época como com a política do governo, e foi condenado por ambos.

Jesus foi condenado à morte, pelos opressores, no entanto deu o exemplo de homem livre e ressuscitado. A sua liberdade foi maior que os conflitos e os limites

impostos pelo controle do governo e da religião. ARTUSO (2013: 12) relembra que “Jesus ressuscitado, vivo na vida das comunidades é realmente o Senhor da história, o mesmo que nasceu pobre, sem defesa, sem exércitos”. A unidade da história do Povo de Deus realizou a plenitude do Reino.

5 - Considerações finais

O trabalho da pesquisa propôs analisar a perícopes de Lc 13, 10-17 a fim de confirmar as hipóteses. Lucas organizou o texto da passagem da mulher encurvada. A cura da mulher significa a libertação e ao mesmo tempo a revelação de Deus misericordioso, conforme a Teologia de Lucas.

A perícopes diz a respeito da mulher que estava doente há dezoito anos. Lucas disse que a “mulher estava possessa de um espírito que a tornava enferma”, portanto um espírito ruim. Espírito aqui é algo real na carne, negação da vida, que conduz a morte. Primeiro, a mulher ficou e continuou totalmente encurvada. A deformação se situava na parte superior da coluna vertebral e na altura da nuca. Este mal era irreparável devido à posição curva, que a deixou bloqueada e não se endireitou.

Antes da perícopes vem o texto da parábola da figueira estéril. A narração de Lucas (13,10) muda de cenário repentinamente, de ambiente de campo, plantio e passa para uma sinagoga. No início de ambos os textos descrevem a negação da possibilidade da vida ser abundante. A esterilização da figueira em gênero literário de parábola e o relato da cura da mulher encurvada muda à linguagem para uma narração.

A compreensão geral provoca uma espécie de indignação em Jesus que toma a iniciativa de solucionar as dificuldades. Que o homem cave a terra e cuide melhor para que a figueira produza frutos. O próprio Jesus impõe as mãos sobre a mulher, e ela fica ereta imediatamente. No entanto, a figueira ficou em observação para o ano seguinte, na expectativa de bons resultados. A mulher glorificou a Deus juntamente com a multidão, porque ficou curada na mesma hora. Então, se pode perceber que o primeiro cenário prepara para o segundo de forma crescente. Deus age com benevolência na espera da maturidade e desenvolvimento de cada pessoa conforme a necessidade. A finalização da perícopes (Lc 13, 17) é um exemplo da compreensão dos dois textos. A leitura da figueira estéril e a mulher encurvada produz um efeito tão completo e garante a continuidade. Cada versículo está interligado com a função da mensagem, para que todos possam ouvi-la e segui-la.

FITZMEYER (1983: 532) afirma que a enfermidade é atribuída ao desempenho do espírito do mal. Para preencher essa lacuna, ele escreve

literalmente: "ela estava com uma doença de espírito", mas essa nova formulação muda o significado da frase e conseqüentemente, a doença. A religião judaica atribuía a Satanás certas doenças, uma prisão. É preciso libertar os oprimidos (cf. Is 58,6), das amarras, das cargas que esmagam os fracos. Jesus na sua prática realiza a esperança messiânica da liberdade, restaura e cura a vida. No contexto lucano, a lei era algo que prendia o povo. O escrúpulo da observância do sábado parecia evidente, pois na palavra do chefe da sinagoga insinuava impedimento a Jesus de fazer o bem, para libertar a enfermidade da mulher.

A lei do puro e impuro, que também escravizava e se constituía peso para as pessoas em geral. Uma deformidade era motivo de separação das pessoas no convívio, ou seja, a aproximação era perigo de contaminação de pura para impura. Esta impureza era uma vergonha para quem estava por perto. Aquela mulher sem nome e sozinha, não deveria ir a uma sinagoga, pela situação que se encontrava.

De que modo foi negado o direito de ser curada por Jesus no dia de sábado? O que significava o Sábado no AT? "Que se faça o dia do sábado um memorial, considerando-o sagrado. Trabalharás, durante seis dias, fazendo todo o teu trabalho, mas o sétimo dia, é o Sábado do Senhor, teu Deus" (Ex 20, 8-10). Neste sentido, o texto esclarece muitos elementos que também ajudam a entender, porque a lei produziu conflitos de interpretação. E para finalizar a referência do sábado, Deus se manifesta com a bênção e a santificação, (Ex 20, 11b).

Portanto no Êxodo, Deus comunicou as orientações ao povo. Também deixou as bênçãos do sábado como memorial. A análise, ou a releitura do NT mostra o sábado a serviço da vida, uma lei aplicada conforme a situação das pessoas ou da comunidade. O dia de descanso é designado entre os judeus e alguns grupos de cristãos. FABRIS & MAGGIONNI (2006: 35) comenta que o sábado, o último dia da semana em que Deus repousou. "... é o dia da criação e da libertação (Ex 20,11; Dt 5,15)" era vivenciado com muitas observações, como realizar ou não certos tipos de trabalhos.

O texto da perícopes em estudo, por exemplo, evidencia o chefe da sinagoga que dá o aviso que ali está alguém invertendo as ordens das coisas e para o povo ficar atento ao tipo de trabalho que Jesus estava exercendo. Para FITZMEYER (1983: 533), 'a observação do "chefe da sinagoga", dirigida ao "povo", não era apenas uma crítica do desempenho de Jesus "no sábado", mas também um aviso

sobre esse tipo de indivíduo'. O aviso do chefe para o povo em forma de advertência era na verdade um recado para o povo, que não venham no sábado.

As pessoas encurvadas na atualidade podem encontrar muitos espaços e possibilidades, onde a cura pode acontecer. Na atualidade, os meios de comunicação são muito eficientes e podem colaborar na perspectiva de solidariedade aos mais necessitados em conscientização e orientação. Daí a necessidade de campanhas nos meios de comunicação, por exemplo, em rádio, televisão, internet, jornal, telefone, para enviar as orientações a respeito de como denunciar de maus tratos, repressão entre outros.

A missão de tirar o peso das injustiças é evitar a relação de domínio do forte sobre o fraco. Isso possibilita uma relação horizontal, circular, do sentir e olhar a necessidade de cada um. A necessidade de participação integradora da mulher e do homem é pertinente em toda a sociedade.

Quando se pode transformar o peso da opressão em dom de Deus? Pela leveza do olhar, da palavra, do sorriso, do diálogo, da solidariedade e da partilha de dons. A promoção da vida começa em casa, na família. A relação familiar é uma grande possibilidade de promover à atitude libertadora. Uma mãe e/ou um pai que dialoga com os seus filhos transmite segurança, determinação, autodomínio. Por que ao se deparar com uma situação problema, os filhos buscam a proteção e o afeto dos pais para resolução de seus problemas. Assim, aquela mulher que antes estava só, não perdeu a esperança de sair, deixar de ser olhada e criticada ao ir à sinagoga. E hoje? Faz-se necessário refletir e buscar as soluções, propor alternativas libertadoras de paz para com aqueles que pensam e comportam diferentes ou são vítimas do sistema opressor.

Ao olhar por outra vertente, a mulher encurvada foi proativa, resolveu fazer a diferença em sua vida. Ela certamente percebeu que seria melhor se mover, agir, encontrar algo, ouvir uma palavra de sentido profundo que superasse a sua situação. A mulher encurvada passou a ter um novo olhar após a cura, nova visão do Reino de Deus. Deus por meio de Jesus a viu, aproximou e impôs as mãos. O gesto que Jesus realizou, supriu as deficiências essenciais da mulher, do seu corpo, como se ouviu e moveu para o outro. As possibilidades de liberdade são muitas para libertar o homem e a mulher de hoje. Há muitas alternativas, que realizam a cura das pessoas em geral que são: espirituais, afetivas, alegria, encantamento pela vida,

solidariedade, diálogo, generosidade entre outras. A libertação no sentido integral perpassa o estado espiritual, psíquico e físico. Acima de tudo, o amor liberta das correntes do mal.

REFERÊNCIAS

ARTUSO, V. O Evangelho de Lucas: introdução teológica na perspectiva da missão. <<http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contem-placao/contemplacao/article/view/39/39>> Acessado em 08 de novembro de 2017.

BIBLEWORKS, LLC. Bible Works for Windows. Versão 7.0.012g. Norfolk: Bibleworks, LLC, 2006. CD-ROM. Consultas.

BÍBLIA TEB. Tradução Ecumênica da Bíblia. São Paulo: Loyola, 1995.

BÍBLIA JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1990.

BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulinas, 1990.

BÍBLIA DA CNBB. São Paulo: Canção Nova, 2009.

BÍBLIA JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2013.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Os Evangelhos Sinóticos. Introdução a Lucas. São Paulo: Paulus, 2013.

BITTENCOURT, E. Para entender os evangelhos. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

BOVON, F. El Evangelio Según San Lucas. Salamanca: Sígueme, 2002.

_____. Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos. In: AUNEAU, J. et al. Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos. São Paulo: Paulinas, 1985.

CANDIDO, A. Literatura e sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CARSON, D. A. et al. Introdução ao Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CASALEGNO, A. Lucas: o caminho com Jesus missionário. São Paulo: Loyola, 2003.

CROSSAN, J. D. & REED, J. L. Em busca de Jesus. Tradução de Jaci Maraschin. São Paulo: Paulinas, 2007.

DEI VERBUM. Constituição dogmática sobre a Revelação Divina. São Paulo: Paulinas, 1965.

Dicionário Enciclopédico da Bíblia, publicado sob a direção do Centro: "Informática e Bíblia" Abadia de Maredsous; tradução Ary E. Pintarelli, Orlando A. Bernardi. São Paulo: Loyola, Paulus, Paulinas, 2013.

FABRIS, R. E MAGGIONI, B. Os Evangelhos II. São Paulo: Loyola, 1992.

FABRIS, R. e MAGGIONI, B. Os Evangelhos de Lucas: introdução. 2006.

_____. Os Evangelhos II. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

FITZMYER, J. A.I,II e III El Evangelio según Lucas. Madrid: Cristiandad, 1983.

GEORGE, A. Leitura do Evangelho segundo Lucas. São Paulo: Paulinas, 1982.

GEORGE, E. Mulheres que amaram a Deus. São Paulo: Hagnos, 2009.

HALE, B. D. Introdução ao estudo do novo testamento. Tradução de Cláudio Vital de Souza. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1983.

JEREMIAS, J. Jerusalém no tempo de Jesus. São Paulo: Paulus, 1990.

KARRIS, R. J. O Evangelho segundo Lucas. In: Brown, R. E. FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Eds.). Novo comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos Santo André: Academia Cristã, 2011. p. 216-308.

KONINGS, J. A palavra se fez livro. 5. Ed. São Paulo: Loyola, 2014.

KUMMEL, G. W. Introdução ao Novo Testamento. São Paulo: Paulinas 1982.

LAGRANGE, M.-J. Evangile Selon Saint Luc. Paris: J. Gabalda, 1948.

LOISY, A. L' Evangile Selon Luc. Émile Nourry: Paris, 1924.

MOTIVAÇÃO. <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Motiva%C3%A7%C3%A3o>> Acessado no dia 02 de novembro de 2017.

MARCONCINI, B. Os Evangelhos sinóticos. São Paulo: Paulinas, 2012.

MARGUERAT, D. Novo Testamento: história, escritura e teologia. São Paulo: Loyola, 2009.

MAZZAROLLO, I. LUCAS: a Bíblia passo a passo. Loyola: São Paulo, 1994.

_____. I. Lucas: a antropologia da Salvação. Rio de Janeiro: Paulinas, 2004.

MEYERS, C. As raízes da restrição - As mulheres no Antigo Israel, em Estudos Bíblicos, Petrópolis, Editora Vozes, vol. 20, 1990.

MEYER, J. P. Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico. Vol. 2, Liv 3: Milagres. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

MESTERS, C. Com Jesus na Contramão. São Paulo: Paulinas, 1995.

MORRIS, L. L. Lucas: introdução e comentário. Inter-Varsity Press: Leicester - Inglaterra, 1996.

MOSCONI, L. Leitura Segundo Lucas. Edição do Cebi: São Leopoldo, 1991 (Coleção: A Palavra na Vida).

NOVO TESTAMENTO, Interlinear Grego-Português. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

PAGOLA, J. A. Jesus. Aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____, J. A. O caminho aberto por Jesus: Lucas. Trad. Titton, G. A. Petrópolis: Vozes, 2012.

PERONDI, I. Santo livro: perguntas sobre a Bíblia. Londrina: Midiograf, 2012.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. A Interpretação da Bíblia na Igreja. São Paulo: Paulinas, 1994.

PIKAZA, J. Teologia de Lucas. São Paulo: Paulinas, 1978.

SABBAG D. C. Dicionário Bíblico. São Paulo. DCL, 2005.

SABOURIN, L. L'Evangile de Luc, Introduction et commentaire. Roma: Ed. Pontificia Universidade Gregoriana 1987.

SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos quatro evangelhos. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

STORNILOLO, I. Como ler o Evangelho de Lucas. Os pobres constroem a nova história. São Paulo: Paulus, 1992.

TENNEY, C. M. O Novo Testamento: sua origem e análise. São Paulo: Shedd, 2008.

VITÓRIO, J. Dia a dia nos passos de Jesus. São Paulo: Paulinas, 2012.

WEGNER, U. Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

WILHELM, E. Metodologia do Novo Testamento: introdução aos métodos linguísticos e históricos-críticos. 2ª ed. São Paulo, 1994.

ZABATIERO, J. P.T. Estudos bíblicos – do Evangelho de Lucas: São Paulo, Paulus 1995.